

Sandra Cláudia Monteiro Guerra

**A REDE SOCIAL E O ENVOLVIMENTO DAS FAMÍLIAS NO JARDIM
DE INFÂNCIA: ESTUDO DE CASO**



Universidade do Algarve

Escola Superior de Educação e Comunicação

2017

Sandra Cláudia Monteiro Guerra

**A REDE SOCIAL E O ENVOLVIMENTO DAS FAMÍLIAS NO JARDIM DE
INFÂNCIA: ESTUDO DE CASO**

Trabalho realizado sob a orientação de: Professora Doutora Maria Leonor
Alexandre Borges dos Santos Terramoto



Universidade do Algarve

Escola Superior de Educação e Comunicação

2017



A REDE SOCIAL E O ENVOLVIMENTO DAS FAMÍLIAS NO JARDIM DE INFÂNCIA: ESTUDO DE CASO

Declaração da autoria do trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e consta da listagem de referências incluída.

Copyright _____ Universidade do Algarve.
Escola Superior de Educação e Comunicação.

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Agradecimentos

É difícil agradecer neste pequeno espaço a todos os que me acompanharam ao longo de todo o meu percurso académico, essencialmente no meu mestrado em educação pré-escolar.

Assim sendo aqui deixo algumas palavras de agradecimento a quem sempre me ajudou directa ou indirectamente, pois sem eles nada disto teria sido possível.

À minha família, em especial ao meu pai, à minha mãe, ao meu irmão e à minha irmã que foram incansáveis e sempre acreditaram em mim e nas minhas capacidades. Desejo que o final desta minha etapa possa de alguma forma contribuir e compensar o carinho recebido da sua parte, pois este apoio revelou-se ser essencial para a elaboração desta dissertação.

Ao meu namorado pela sua ajuda e compreensão, que foram cruciais para a criação deste trabalho.

À minha orientadora, Maria Leonor Alexandre Borges dos Santos Terramoto pelo excelente apoio/compreensão e principalmente paciência que teve para comigo. Agradeço-lhe também a sua disponibilidade.

Aos meus amigos que sempre estiveram do meu lado para me apoiar dando força e motivação, compreendendo as minhas ausências em certos momentos de confraternização.

Às minhas colegas Andreia Ribeiro e Ana Rita Silva que sempre se mostraram disponíveis para ajudar e por todas as gargalhadas que me proporcionaram mesmo quando existiam dias menos bons. Pela sua positividade.

A todas as minhas colegas de curso por promoveram momentos de relaxamento e por partilharem conhecimentos.

À minha Educadora cooperante Ana Cristina Gonçalves pois foi um pilar importante neste processo, transmitindo conhecimentos quer a nível pessoal quer a nível profissional. E pela sua grande disponibilidade em ajudar.

A todos, um grande obrigado.

Resumo

O relatório de investigação de Prática de Ensino Supervisionada (PES) que se apresenta tem como título “A rede social e o envolvimento das famílias no jardim de infância: Estudo de caso”. Neste Relatório é apresentado o trabalho de cariz investigativo desenvolvido numa sala de de jardim de infância de Faro, constituída por crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos. O estudo, que decorreu no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), teve como principal finalidade compreender o papel da rede social *facebook* na promoção da relação família-jardim de infância. Metodologicamente trata-se de um estudo qualitativo, na forma de estudo de caso, com recurso aos seguintes instrumentos para obtenção de dados: o grupo no *facebook*, análise documental e questionários aos pais e à educadora cooperante.

Os resultados do estudo indicam que o recurso à rede social *facebook* é adequado como forma de envolver as famílias no jardim de infância permitindo a comunicação, circulação de informação e redução das distâncias entre as duas instituições. Apesar deste reconhecimento os resultados indicam que para uma utilização mais adequada as famílias devem ser objeto de uma melhor informação com o intuito de: informar quanto às potencialidades daquela plataforma; levar a uma maior participação de todos os elementos da família próxima da criança (não apenas a mãe mas também o pai e os restantes membros da família); não centrar a informação apenas nas atividades em contexto de sala e desenvolver estratégias para melhorar as práticas interativas entre o(a) educador(a)/ jardim de infância e a família.

Palavras-chave: Família; Jardim de infância; Educador(a) de infância; Redes sociais; *Facebook*.

Abstract

The Teaching Practice Research Report Supervised (PES) that appears is titled "Social networking and the involvement of families in kindergarten: Case Study." In this report we present the investigative nature of work in a kindergarten in Faro, made up of children aged 5 to 6 years.

The study, which was held during the Supervised Teaching Practice (PES) had as main purpose to understand the role of social network *facebook* in promoting childhood family garden relationship. Methodologically it is a qualitative study in the form of case study, using the following data collection tools: the group on *facebook*, document analysis and questionnaires for parents and the cooperating teacher. The results of the study indicates that the use of *facebook* social network is suitable as a way of involving families in kindergarten enabling communication, information flow and reducing the distance between the two institutions.

Despite this recognition, the results indicate that for better use families should be object of better information in order to: inform about the potential of the virtual platform; lead to greater participation of the family close to the child (not only the mother but also the father); not focus only on the information activities incontext of living and develop strategies to improve interactive practice between the educator/kindergarten and the family.

Keywords: Family; Kindergarten; Kindergarten teacher; Social networks; *Facebook*

Índice

Agradecimentos	i
Resumo.....	ii
Abstract	iii
Índice de tabelas.....	vi
Índice de figuras	vi
Índice de gráficos	vi
Índice de apêndices	vii
Lista de abreviaturas	viii
Introdução	1
Capítulo I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL.....	3
1.1. A família, alterações e suas implicações	3
1.2. A importância da educação pré-escolar no desenvolvimento das crianças	7
1.3. A evolução do envolvimento dos pais no Jardim de Infância, sua importância e estratégias	9
1.4. O papel do(a) educador(a)	12
1.5. A relação família jardim de infância nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar	13
1.6. Redes Sociais como veículo de comunicação: o recurso ao <i>facebook</i>	15
1.6.1. Redes sociais e comunicação	15

1.6.2. O <i>facebook</i>	17
1.6.3. <i>Facebook</i> e família	18
Capítulo II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
2.1. Questão do estudo.....	21
2.2. Objetivos do estudo	21
2.3. Natureza e tipo de estudo.....	22
2.4. Participantes no estudo	22
2.5. Recolha de dados	24
2.6. Criação e organização do grupo no <i>facebook</i>	25
Capítulo III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	31
3.1. Resultados relativos ao grupo do <i>Facebook</i>	31
3.2- Resultados relativos ao questionário das famílias	37
3.3-Discussão dos resultados	42
CONCLUSÃO	47
REFLEXÃO FINAL	49
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICES.....	56

Índice de tabelas

Tabela 1: Crianças e códigos de identificação dos pais.	23
Tabela 2: Frequência de participação (M/P) e total família.	60

Índice de figuras

Figura 1: Exemplo de informação partilhada	27
Figura 2: O grupo restrito criado.	27
Figura 3: Exemplo 1 de álbum da semana	28
Figura 4: Exemplo 2 de álbum da semana	29
Figura 5: Exemplo de imagem do álbum com respetiva descrição.	29

Índice de gráficos

GráficoIII. 1: Visualizações por mês	32
GráficoIII. 2: Números de visualizações por mês em função do sexo	32
Gráfico III. 3: Participação através de "gostos"	33
GráficoIII. 4: Número de gostos por mês em função sexo	33
GráficoIII. 5: Número de comentários por mês segundo sexo	34
GráficoIII. 6: Número de visualizações segundo identificação dos pais (M/P)	35
GráficoIII. 7: Número de gostos segundo identificação dos pais (M/P)	36
Gráfico III. 8: Número de comentários segundo identificação dos pais (M/P)	36
Gráfico III. 9: Número de participação a nível individual	37
GráficoIII. 10: Número total de participação das famílias.	37
GráficoIII. 11: Grau de parentesco com o educando/a.	38
Gráfico III. 12: Opinião sobre o acompanhamento das atividades	38
Gráfico III. 13: Motivo de visualização.	39

Gráfico III. 14: Frequência de visualização.	39
Gráfico III. 15: Visualização com companhia do(a) educando(a).	40
Gráfico III. 16: Opinião do contributo para melhoria da relação	40
Gráfico III. 17: Satisfação quanto ao conteúdo compartilhado.	41
Gráfico III. 18: Opinião para futuro funcionamento da página.	41

Índice de apêndices

Apêndice 1: Questionário aos pais	57
Apêndice 2: Questionário educadora cooperante	60
Apêndice 3: Comunicado aos pais	61
Apêndice 4: Tabela 2: Frequência de participação (M/P) e total família.	62

Lista de abreviaturas

PES- Prática de Ensino Supervisionada

OCEPE- Orientações Curriculares para Educação Pré-escolar

TIC- Tecnologias da Informação e Comunicação

PCG- Plano Curricular de Grupo

PEE- Projeto Educativo de Escola

Introdução

O presente relatório desenvolveu-se no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES), tendo por finalidade a obtenção de grau de mestre em Educação Pré-Escolar. Corresponde à descrição e análise de um trabalho desenvolvido no contexto de jardim de infância, numa sala de atividades com idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos de idade. Este trabalho surgiu da necessidade e preocupação em compreender a relação jardim de infância e família e a sua importância. Com o evoluir da sociedade é notório que as famílias sentem uma maior dificuldade em participar em todos os momentos de aprendizagem das crianças e se deslocarem ao jardim de infância devido às mais variadas causas: horários de trabalho que não coincidem, horários prolongados, entre outros. Reconhecendo-se esta dificuldade, para tentar colmatar este obstáculo dos pais em estarem presentes e acompanharem a vida dos seus filhos no jardim de infância, optou-se por recorrer às tecnologias de comunicação e informação como forma de melhorar a comunicação/interação entre estas duas instituições. Neste caso o recurso ao *facebook*.

Para tal, foi desenvolvido um grupo restrito na rede social *facebook* para todos os responsáveis pela educação das crianças da sala dos 5/6 anos, da instituição frequentada durante a prática. A sua intenção era a de promover uma maior ligação partilhando assim álbuns que ilustram as atividades desenvolvidas ao longo da semana pelas crianças, veiculando informação, comentários, etc.

O objetivo do estudo foi entender de que forma um grupo fechado criado para os pais das crianças numa rede social contribui para a relação família-jardim de infância, e quais as suas implicações, vantagens ou desvantagens.

Desta forma é importante mencionar que todo este trabalho foi sustentado por uma vertente teórica, de maneira a apoiar as nossas inferências, correspondendo assim ao capítulo I.

No capítulo II estão presentes os procedimentos metodológicos, onde se encontram a questão de investigação e os respetivos objetivos do estudo, os participantes do estudo e a construção do instrumento de investigação.

O capítulo III remete-nos para a apresentação e discussão dos resultados bem como as conclusões e referências de todo o trabalho realizado.

Capítulo I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL

1.1. A família, alterações e suas implicações

A interação da criança com o mundo que a rodeia verifica-se desde cedo das mais variadas formas. Como tal, a família assume-se como a primeira instituição onde a criança experiencia diversas situações, sendo a principal responsável por transmitir valores, princípios e saberes, mas ainda, assegurar as condições de bem-estar da mesma, promovendo assim o seu desenvolvimento. A família possui uma grande influência no desenvolvimento da criança, sendo, imensamente determinante na forma como esta vê e encara o mundo que a rodeia (Picanço, 2012; Lopes da Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016).

A família é a primeira instituição da qual, geralmente, todo o ser humano participa sendo o primeiro grupo de forte influência sobre as pessoas, sobre o seu comportamento, a sua personalidade e as suas escolhas futuras, tendo, ainda, funções de acolhimento, cuidados, educação e preparação do indivíduo para a vida. É na relação com os seus cuidadores que a criança inicia a sua constituição como sujeito: a formação da sua identidade, as percepções de quem são os outros e quais são os papéis que a ela e esses outros desempenham dentro da organização familiar. (Henriques, 2009, p.6).

Desta forma, a família assume um papel muito importante na vida da criança, e como podemos denotar, é a principal responsável pelo seu desenvolvimento e evolução. Assim, é crucial que tenha consciência do seu importante papel e se dedique no sentido de promover o crescimento e progresso da criança. Como refere Hoz (1996, p.2) citado por Carvalho (2008:34)

a família não se constitui apenas para que nela nasçam os filhos, mas para que também nela se alcance o seu desenvolvimento, tanto no plano biológico, desenvolvimento do corpo, criação, como no plano espiritual, desenvolvimento do espírito, educação. A família é o primeiro espaço da vida humana e da educação.

A sociedade movimenta-se a uma velocidade incalculável e como tal o conceito de família não é exceção e tem sofrido alterações ao longo dos anos, inimagináveis anteriormente.

De facto, a família sofreu diversas alterações desde a Idade Média, verificando-se que tal como ocorrem mudanças a nível económico e político, a família também sofre tais mudanças que se vão desenvolvendo na sociedade (Abreu, 2012, p.6). Desta forma, ao usarmos o termo família, temos de ter em consideração, que não existe um modelo familiar universal.

Não podemos, então, assim pensar que existe um único “tipo” de família, mas sim várias famílias e cada uma delas possui características muito peculiares. Quando falamos em família, falamos em todos os que fazem parte do meio de interação da criança. O conceito de família constituída pelos “pais, irmãos, avós, tios” é uma realidade que nem todas as crianças atualmente conhecem. Neste sentido, o que se denota é que a família típica vivendo debaixo de um mesmo tecto é cada vez mais escassa, há cada vez mais a predominância de famílias monoparentais ou famílias reorganizadas (Dias, 2011; Figueiredo, 2010; Reis, 2008). Para esta situação contribuíram o aumento dos divórcios, a crise económica e o desemprego que atingiu muitas famílias, o crescimento de casais homossexuais e de famílias monoparentais (Picanço, 2012; Vicente, 2010).

Para estas mudanças familiares contribuiu, ainda, de forma importante a emancipação da mulher e a entrada da figura materna no mercado de trabalho, deixando esta de estar tão presente na vida escolar do filho, em comparação a antigamente, em que a mulher era dona de casa, e o seu dever essencialmente era cuidar da casa, e dos filhos. Existem ainda outros fatores importantes, por exemplo, o facto da mulher se ter escolarizado mais, possuir mais informações sobre a educação dos filhos (Dias, 2011; Pereira, 2010; Picanço, 2012).

Assim sendo o avançar do tempo deu origem aos mais variados modelos de família pelo que definir família é algo muito complexo e controverso, sendo difícil encontrar uma definição exclusiva para o termo família. As vivências no seio familiar, variam de criança para criança, ou seja, cada família é uma família e desta forma cada uma delas possui as suas características. Encontrar uma única definição de família, perante tantas transformações que se vão verificando ao longo dos anos é desta forma difícil (Silva, 2003).

Segundo Dias (2011)

Sabemos, no entanto, que a família se transforma através dos tempos adaptando-se e reestruturando-se para continuar a funcionar. A família é a matriz de desenvolvimento dos seus membros, no entanto temos de vê-la como um sistema dentro de outros sistemas inseridos num determinado contexto com uma cultura própria. (p.154)

Para Beja (2009) “A família é, no fundo, uma construção social elaborada a partir dos significados que lhe atribuem os seus elementos e que são co-construídos através do discurso, ao longo do tempo e num determinado contexto.” (p.27)

Giddens (1997, p.463) citado por Pereira (2013, p.18) apresenta uma definição que vai para além da existência de uma relação de consanguinidade: “Uma família é um grupo de pessoas unidas directamente por laços de parentesco, no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças.”

Para além do mencionado, é importante perceber ainda que existem famílias das mais variadas classes e que as crianças de classes mais baixas possuem uma forma de estar e de agir diferente das classes mais altas, por outras palavras, famílias de classes diferentes proporcionam contextos de socialização familiares diversos (Seabra, 1999). É importante que a criança esteja inserida num ambiente de aceitação pois mais facilmente adquire conhecimentos e noções que contribuem para o seu desenvolvimento. Se a criança sentir que não é aceite, o seu desenvolvimento ficará prejudicado. As crianças são o reflexo do que se vive em casa. O que se verifica então é que as diferenças mencionadas podem trazer efeitos notáveis nas crianças (Jesus, 2012; Seabra, 1999). Fatores como a aceitação e a rejeição são elementos importantes que determinam a personalidade da criança para o que contribuiu o tipo de ecologia familiar no qual a criança está inserida. O que se observa é que crianças que vivem num clima de aceitação, aparentam ser mais calmas, revelam uma boa autoestima, têm uma maior capacidade de socialização e interesse pelo mundo que a rodeia. Nas crianças inseridas em famílias onde não predomina a aceitação, percebe-se que estas são mais sensíveis e a sua autoestima é baixa o que provoca um maior desinteresse face ao mundo e mais dificuldades (Jesus, 2012; Seabra, 1999).

As famílias de classes mais baixas possuem características bastante diferentes das de classe mais alta, como já foi referido, e podemos distinguir dois tipos de família as *posicionais* e as *orientadas para as pessoas*. Quando falamos em *famílias posicionais* correspondem assim as famílias mais desfavorecidas, que possuem um *código restrito*, e destacam-se as decisões tomadas unicamente pelos pais. Já no segundo tipo de família, correspondentes às famílias de classes mais altas, os pais não se revelam tão autoritários e incluem as crianças, verifica-se um *código elaborado* (cf. Bernstein, cit in Seabra, 1999).

As famílias de classes mais desfavorecidas apresentam uma maior distância face à

cultura da escola apresentando dificuldade em acompanhar e apoiar as crianças durante o seu percurso escolar, apresentando baixas expectativas quanto ao mesmo. Pelo contrário as famílias de classe mais elevada revelam uma maior dedicação face às suas crianças e a sua educação dada a sua proximidade à cultura da escola e elevadas expectativas quanto ao sucesso escolar dos seus filhos igualmente, a participação das famílias face ao jardim de infância também terá alterações, consoante as classes (Seabra, 1999).

O que se pode verificar é que os pais de classes mais desfavorecidas sentem mais dificuldades em participar, pois como não sabem descodificar a linguagem da escola, não sabem igualmente interagir com esta instituição, o que os deixa um pouco retraídos face à escola. Os pais de classes mais altas revelam uma maior facilidade, mostram-se mais confiantes e seguros em participar na educação das suas crianças (Seabra, 1999).

Deste modo, percebemos assim que os principais espaços de socialização de qualquer criança são o seio familiar e o espaço escolar. Com esta afirmação, podemos denotar que é necessário um trabalho conjunto para que se possam abrir novos caminhos promovendo o desenvolvimento da criança e a sua integração plena na sociedade. Sem uma boa relação entre a entidade familiar e a instituição a tarefa de educar crianças torna-se muito mais difícil, pelo que é crucial que a educadora e toda a instituição tenha em consideração as características das famílias e das suas crianças. Mas não só, também é importante que as famílias tenham consciência da importância da educação pré-escolar e do papel da educadora na educação das crianças, promovendo um ambiente harmonioso, onde os diálogos sejam constantes como forma de combater certas barreiras que possam surgir. Uma boa relação será o início para o sucesso educativo das crianças (Henriques, 2009; Jesus, 2012).

É necessário que a criança viva num clima harmonioso, onde a compreensão e o amor vigorem, sendo o seu primeiro contacto a família é essencial que esta proporcione momentos de desenvolvimento adequados. Esta relação da família com as suas crianças contribuíram para a criação da sua personalidade, por isso é importante que os pais estimulem e se dediquem para uma melhor promoção do seu desenvolvimento. O jardim de infância apresenta-se como o segundo contexto mais importante de socialização da criança. Sendo os dois contextos educativos mais próximos das crianças com uma influência crucial no seu desenvolvimento, devem estas interagir e comunicar de forma adequada e

complementar no interesse da criança (Pereira, 2013; Henriques, 2009; Seabra, 1999). Esta importância está explícita nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE):

Todo o sistema educativo tem a aprender com a educação pré-escolar. Este é o nível educativo em que o currículo se desenvolve com articulação plena das aprendizagens, em que os espaços são geridos de forma flexível, em que as crianças são chamadas a participar ativamente na planificação das suas aprendizagens, em que o método de projeto e outras metodologias ativas são usados rotineiramente, em que se pode circular no espaço de aprendizagem livremente (Costa, 2016, p.4).

Sobre a visão e aquilo que está prescrito nas OCEPE iremos dar atenção no ponto seguinte.

1.2. A importância da educação pré-escolar no desenvolvimento das crianças

A educação pré-escolar é considerada a primeira etapa da educação básica e destina-se a crianças com idades a partir dos 3 anos de idade até aos 5/6 anos. O direito a educação pré-escolar pertence a todas as crianças e esta assume-se como uma etapa crucial para o desenvolvimento da criança (Lopes da Silva *et al.*, 2016).

A educação pré-escolar tem inúmeras vantagens para as crianças, ajudando-as num melhor desenvolvimento e a longo prazo as suas vantagens são notórias. Inicialmente e como já foi relatado anteriormente, o primeiro contexto das crianças é a família, e é nesse contexto que a criança adquire alguns conhecimentos, normas, hábitos. Para além da família, surge de seguida a educação de infância tornando-se assim outro contexto de socialização da criança de extrema importância.

De acordo com as OCEPE “O desenvolvimento motor, social, emocional, cognitivo e linguístico da criança é um processo que decorre da interação entre a maturação biológica e as experiências proporcionadas pelo meio físico e social” (Lopes da Silva *et al.*, 2016, p.8). As experiências que o adulto proporciona à criança são de extrema importância para o seu desenvolvimento. Desta forma, a educação pré-escolar preocupa-se com o desenvolvimento da criança e o seu papel é o de promover vivências/experiências significativas através de

um ambiente agradável e estímulos como forma de favorecer o seu crescimento em harmonia (Lopes da Silva et al., 2016).

Segundo a Lei nº 5/97, de 10 de fevereiro, art.2º

A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.

Esta etapa da vida das crianças dá ênfase à educação e não ao “ensino”, proporciona atividades que visem o seu bem-estar e que essencialmente respondam às suas necessidades. Neste momento da infância existe uma valorização das suas características e uma preocupação em responder às suas exigências, procurando-se que “o jardim de infância favoreça também o desenvolvimento cognitivo da criança e para isso contribuem as atividades realizadas com a educadora de infância e com o grupo.” (Ribeiro, 2012, p.4)

O desenvolvimento da criança começa desde do momento em que nasce. A criança desenvolve-se a nível físico, emocional, social e cognitivo e todos estes aspetos terão impacto no seu futuro.

Na Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei n.º 5/97 de 10 de Fevereiro, artigo 10) está claramente explícito que se deve: dar atenção e privilegiar o desenvolvimento pessoal da criança com base nas experiências de vida democrática; colaborar para uma igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso educativo; incentivar o desenvolvimento da criança, respeitando as suas características pessoais encontrando estratégias que favoreçam as aprendizagens; ajudar a despertar a curiosidade e o pensamento crítico; estimular uma maior participação dos pais no processo educativo das suas crianças. Para além destes aspetos nesta legislação aponta-se ainda que a educação pré-escolar deve:

- Desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- Proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e coletiva;
- Proceder à despistagem de inaptações, deficiências ou precocidade e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança.

Desta forma é necessário darmos a devida atenção a todo o seu desenvolvimento, promovendo estratégias que visem educar crianças livres, autônomas, compreensivas, reflexivas e críticas. O educador possui a responsabilidade de transmitir às crianças valores e normas da nossa sociedade, ajudando-a criar uma postura exemplar sobre o mundo que a rodeia. Para que ocorra um bom desenvolvimento da criança é necessário que exista um ambiente acolhedor e rico em experiências que ajude a criança em todo o seu processo de desenvolvimento. Não existe uma “regra” para o desenvolvimento da criança, cada criança é um indivíduo único. Cada uma delas possui as suas potencialidades, e desenvolve-se consoante as suas características mais cedo ou mais tarde. O educador deve respeitar os passos de desenvolvimento de cada criança e procurar recursos que promovam essa evolução (Baptista, 2013; Figueiredo, 2010; Lopes da Silva et al., 2016).

Assim sendo, o papel da família tal como o papel do jardim de infância é imprescindível para o desenvolvimento da criança, como tal o seu trabalho conjunto deve ser prioridade e nunca esquecido.

1.3. A evolução do envolvimento dos pais no Jardim de Infância, sua importância e estratégias

A família possui a função de promover a socialização da criança, elemento que é essencial para o seu desenvolvimento. Para que o educador transmita conhecimentos e possa intervir da melhor forma é necessário que este conheça o meio e a família em que cada criança está inserida, como aqui já foi sublinhado (Abreu, 2012; Martins, 2015; Picanço, 2012). O que se verifica é que muitas vezes os termos envolvimento e participação causam certa confusão, pois muitas das vezes aparecem como tendo o mesmo significado. Mas o correto é que ambas possuem significados diferentes (Fonseca, 2011). Por envolvimento entende-se o apoio que as famílias fornecem diretamente às suas crianças, como as deslocções dos pais à instituição para saber do seu educando, reuniões, etc. Participação implica um grau de presença dos pais mais profundo, como participar na gestão do próprio jardim de infância, dos órgãos de gestão, na elaboração do projeto educativo (Fonseca, 2011).

Com o avançar dos anos, sente-se uma melhoria no envolvimento no sentido que se verifica uma maior aproximação da família em relação à escola, os pais estão a ganhar uma

maior consciência da sua importância na participação ativa na vida escolar dos seus educandos. Esta mudança deve-se também ao facto de que se tem vindo a observar que a escola/jardim de infância impõe a presença dos pais em reuniões e eventos (Abreu, 2016; Baptista, 2013; Fonseca, 2011; Pereira, 2010). Como sublinha Jesus (2012):

Para que a relação entre os diferentes membros pertencentes à família e o jardim de infância seja harmoniosa é importante que ambos se respeitem e comuniquem de forma a que haja um bom clima, ambiguidade e uniformidade, promovendo o desenvolvimento da criança enquanto pessoa e cidadã. (p. 23)

O trabalho dos pais elaborado em casa completa o trabalho desenvolvido pelos educadores, o que revela que o trabalho conjunto destas duas instituições é crucial para que ocorra o sucesso educativo da criança (Jesus, 2012). O envolvimento dos encarregados de educação é uma mais valia para a educação das crianças, para os educadores, jardins de infância e a sociedade em si. Uma participação ativa das famílias na educação pré-escolar é um direito e pode ser realizada de várias formas. Carvalho (2008) reforça que:

este envolvimento também ajuda os próprios pais, já que conseguem aumentar a sua influência, que melhoram a imagem do seu papel, fortalecem redes sociais, têm acesso a mais fontes de informação e formação, melhoram a sua auto-estima, para continuar a participar na educação dos seus filhos. (p.9)

Igualmente Sarmiento (1992, p.29) citado por Pereira (2010, p.28) sublinha que quer a escola quer os pais desempenham um papel determinante no sucesso escolar da criança, pelo que “é um processo que não pode ser deixado ao acaso, importante não esquecermos que a qualidade dos processos de interação que se estabelecem vão de alguma forma, influenciar o sucesso educativo de cada criança.”

A família tem de proporcionar um bom ambiente em casa, pois com as condições básicas em casa, torna-se muito mais fácil o processo de aprendizagem e desenvolvimento humano (Carvalho, 2008).

É importante que haja envolvimento das famílias nas rotinas da educação pré-escolar não só para o sucesso educativo das crianças como também para o da comunidade educativa. O apoio das famílias é essencial para que haja um bom desenvolvimento das

crianças, para além do mais o jardim de infância deve possuir a consciência de que o seu papel principal é o de criar relações facilitadoras entre criança-criança, educador-criança e educador-família (Abreu, 2012; Baptista, 2013; Carvalho, 2008; Jesus, 2012; Lopes da Silva *et al.*, 2016).

Quando os pais se envolvem denota-se um melhoramento dos resultados das crianças, é além do mais notável que os pais começam a compreender e a reconhecer melhor o papel dos educadores. Os pais e os educadores aprendem a apoiar-se reciprocamente na educação das crianças. A articulação entre o jardim de infância e a família pode ser uma mais valia na ajuda a ultrapassar as dificuldades e auxiliar na melhor aquisição. Reconhecer a instituição, elogiar os pequenos e grandes sucessos alcançados e não criar desânimo perante as dificuldades, são algumas estratégias que os pais podem adotar para ajudarem os seus filhos (Abreu, 2012; Abreu, 2016; Picanço, 2012).

O jardim de infância tem o dever de proporcionar mudanças, mudanças que sejam reais e que proporcionem às famílias interesse em participar e estar mais próximas. O jardim de infância não deveria viver sem a família, e a família não deveria viver sem o jardim de infância. Estes dois contextos necessitam um do outro para poderem construir uma educação com qualidade quer em casa, quer no jardim de infância e só assim conseguirão obter bons resultados (Lopes da Silva *et al.*, 2016; Picanço, 2012).

Existem várias formas de envolver os pais, não existe uma só forma correta. Desta maneira importante é que a instituição educativa se preocupe em proporcionar várias ofertas às famílias consoante as suas características, pois a comunidade educativa é cada vez mais heterogénea (Picanço, 2012).

É de extrema importância realçar que é muito mais difícil envolver os pais que estão mais afastados da cultura escolar, são várias as razões desse distanciamento, como a falta de tempo e pobreza. Por conseguinte, deve-se acentuar que os educadores não podem ultrapassar esses entraves sozinhos, mas podem facilitar, mudando de atitude, fazendo com que as instituições criem espaços para receber as famílias, por exemplo (Martins, 2015; Picanço, 2012).

1.4. O papel do(a) educador(a)

Como já foi mencionado, o educador desempenha um papel importante no desenvolvimento de uma boa relação entre a família e o jardim de infância. De facto, o que se repara é que existem pais que se preocupam muito com a vida escolar dos seus filhos, existem outros que consideram que a escola não se preocupa com o exterior, e que a linguagem utilizada, muitas vezes, é de difícil compreensão. Uma boa comunicação é crucial para o envolvimento dos pais no processo educativo (Abreu, 2016). Assim sendo, tenciona-se que o educador seja uma pessoa inovadora e compreensiva, com a capacidade de compreender e incentivar as famílias a estarem mais presentes e participarem na educação dos seus filhos.

A este propósito Martins (2015) refere

A intervenção da Família/Encarregados de Educação na educação dos filhos é indiscutivelmente essencial. Atualmente, os pais estão ocupados e preocupados com outros problemas (profissionais, pessoais, económicos, financeiros) e, por isso, ‘dispensam’ algumas das suas obrigações relacionadas com a educação escolar dos seus filhos. Por essa razão, é fundamental nos dias de hoje, com a constante evolução da sociedade, que as escolas promovam políticas e estratégias que reforcem uma maior aproximação dos pais à escola (p.48).

É imprescindível que exista uma relação próxima entre a família e o jardim de infância desde de cedo e cabe em parte ao educador promovê-la, desenvolvendo um bom ambiente entre instituição e família (Oliveira, 2013).

A instituição escolar deve ter a capacidade de conceder um vasto leque de modalidades de envolvimento parental, ou seja, os jardins de infância devem possuir a consciência e preocupação em integrar todas as famílias, desde a classe baixa à mais alta, para que haja uma maior aproximação (Picanço, 2012).

Os educadores devem tornar a instituição um lugar acolhedor, onde os pais se sintam bem ao visitar. Para além do mais é importante que o educador consiga reconhecer as problemáticas de cada família para uma melhor intervenção (Oliveira, 2013; Reis, 2008).

Ainda assim, interessa perceber que cada contexto deve saber qual o seu papel. O papel do jardim de infância é sobretudo pedagógico, já o da família é mais cuidador, não tão

pedagógico. O que nos leva mais uma vez a perceber como ambas se completam e possuem o mesmo objetivo (Martins,2015), pois

Quando trabalhamos com crianças é importante que coloquemos o foco naquilo que elas e as suas famílias conseguem fazer. É responsabilidade dos adultos que têm contacto diário com as crianças procurar, descobrir e promover as forças da família e as forças individuais, de forma a que as crianças, os seus colegas e os outros adultos da sua vida, possam igualmente reconhecê-las e assim valorizá-las (Hohmann & Weikar, 2007 citado por Fernandes 2010, p.2).

Assim sendo, a instituição deverá proporcionar atividades que visem atingir todas as famílias, optando pelas melhores estratégias de integração de todas as famílias. Para que não haja um afastamento das famílias, mas sim uma maior proximidade, como já foi aqui devidamente sublinhado.

A participação familiar na vida das crianças assume uma relevância extrema e os seus resultados são notórios, trazendo benefícios para todos, família, educador de infância, crianças, e toda a restante comunidade, como já foi amplamente referido.

Esta importância é reconhecida nas OCEPE, e que já foi referida, mas de que se dá particular atenção no ponto seguinte.

1.5. A relação família jardim de infância nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar

As OCEPE dão bastante ênfase à família e à sua importância na educação das crianças, expõem que “Os pais/famílias e o estabelecimento de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa, por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas.” (Lopes da Silva *et al.*, 2016, p.28)

As OCEPE foram desenvolvidas com o objetivo de ajudar os educadores de infância na sua prática pedagógica, permitindo-lhes assim obter melhores resultados. Nas OCEPE o papel da família é claramente valorizado, estas afirmam que:

Cada criança não se desenvolve e aprende apenas no contexto de educação de infância, mas também noutros em que viveu ou vive, nomeadamente no meio familiar, cujas práticas

educativas e cultura própria influenciam o seu desenvolvimento e aprendizagem. Neste sentido, importa que o/a educador/a estabeleça relações próximas com esse outro meio educativo, reconhecendo a sua importância para o desenvolvimento das crianças e o sucesso da sua aprendizagem (Lopes da Silva *et al.*, 2016, p.9).

As OCEPE fornecem assim estratégias que visam fortalecer a relação jardim de infância-família, tais como: trocas informais (orais ou escritas) ou em momentos planeados (reuniões). Estes momentos são importantes para conhecer as suas necessidades e expectativas face ao jardim de infância, ouvir as suas opiniões, provocar uma maior participação e ainda, para combinar as formas de participação que melhor correspondem às suas disponibilidades (Lopes da Silva *et al.*, 2016).

Se há pais/ famílias que poderão, eventualmente, vir ao jardim de infância para contarem uma história, falarem da sua profissão, acompanharem visitas e passeios, etc., para os que não podem vir à sala serão encontradas outras formas de obter o seu contributo para o que se está a realizar, garantindo que todas as crianças vejam representados os contributos dos seus pais/famílias (Lopes da Silva *et al.*, 2016, p.28).

Para além do exposto é importante reportar que as OCEPE também evidenciam a possibilidade da família contribuir para a construção do projeto, como os principais responsáveis pela educação das crianças, possuem o direito de intervir no projeto educativo da instituição. As famílias são os principais responsáveis pela educação das suas crianças. Dado isto, estas possuem o direito de conhecer e se possível contribuir para a educação dos seus filhos. Assim sendo, as associações de pais foram criadas com o intuito dos pais participarem mais na vida educativa das crianças respondendo a instituição melhor às suas necessidades (Lopes da Silva *et al.*, 2016).

A contribuição dos elementos das famílias e das comunidades na educação das crianças, partilhando conhecimentos é crucial para desenvolver mais situações de aprendizagens (Lopes da Silva *et al.*, 2016).

No contexto social atual, em que as famílias por razões diversas que aqui já se aludiu, não conseguem estar presentes na vida dos filhos, há necessidade de encontrar respostas adequadas. Para esta aproximação, as tecnologias de informação e comunicação (TIC),

podem ser um bom instrumento de aproximação e de fomentar a comunicação, aspeto sobre o qual dedicaremos o ponto seguinte.

1.6. Redes Sociais como veículo de comunicação: o recurso ao *facebook*

1.6.1. Redes sociais e comunicação

O mundo em que vivemos têm sofrido várias alterações, a sociedade tem evoluído a uma velocidade inigualável e com isso tem-se vindo a verificar que as TIC fazem cada vez mais parte da sociedade, assumindo um papel muito significativo na vida da população. Nos jardins de infância tem-se analisado um aumento da utilização destas tecnologias como forma de melhorar a comunicação entre os educadores, auxiliares e a família. As TIC são bastante importantes em termos de comunicação, visto que permitem uma maior fluidez na comunicação e podem ser utilizadas com o fim de melhorar a interação (Ribeiro, 2016). As TIC ajudam a fortalecer as relações entre a família e o jardim de infância auxiliando na forma de educar, reforçando a intencionalidade educativa, respondendo com mais perfeição às necessidades/interesses das crianças e das famílias. Estas tecnologias ajudam a reduzir a distância que poderá surgir entre jardins de infância e família (Ribeiro, 2016).

Por conseguinte, com esta mudança tecnológica as redes sociais têm-se relevado uma ferramenta bastante utilizada por toda a comunidade. As redes sociais fazem cada vez mais parte do dia a dia da sociedade, muitas consideram atualmente impensável viver sem estas ferramentas. Estas são utilizadas como forma de comunicação, quer com pessoas do seu círculo de amigos, quer com novas pessoas (Ribeiro, 2016; Vicente, 2012).

Tal como Vicente (2012, p.7) menciona a rede social “No fundo, é uma estrutura constituída por pessoas ou organizações que partilham interesses, motivações, valores, gostos, e objectivos comuns. Tal como os outros, este sistema de rede é mantido e partilhado através da comunicação partilhada pelos seus membros.” Através das redes é possível partilhar as mais variadas coisas de acordo com o gosto pessoal de cada um, existe assim liberdade de opções. As redes sociais permitem a criação de um perfil digital que tanto pode ser público como privado, para além de ter a possibilidade de contacto como uma lista de contactos com quem partilham uma relação e ainda permite que a lista se

expanda. É de referir que nem todas as pessoas têm como objetivo conhecer pessoas ou fazer amigos, muitas delas apenas querem comunicar com pessoas do seu quotidiano, diminuindo distâncias (Vicente, 2012).

As redes sociais são a nova forma de comunicar entre membros, onde se pode partilhar e até mesmo adquirir alguns conhecimentos através dessa interação. Posto isto, com a evolução denotamos que a forma como interagimos não ocorre só no espaço físico, mas também no espaço virtual onde existe uma grande interação entre todos os membros. É notório que cada indivíduo nas redes sociais possui a sua função, tem uma identidade única, exclusiva e livre, tornando possível comunicar muita mais rapidamente e a qualquer hora do dia. As redes sociais revelam-se uma excelente ferramenta onde todos podem beneficiar, ajudando assim neste caso a melhorar a relação existente entre o jardim de infância e a família. Desta forma contribuem para que todos possuam voz podendo assim se manifestar de livre vontade quer a nível positivo quer a nível negativo, ajudando a que o processo de educar seja mais harmonioso e intencional (Caseirito, 2012; Steyer, 2015; Vicente, 2012).

Muitas das vezes as notícias, os recados, as atividades são ditas na sala de atividades tanto às crianças como aos pais, mas por vezes é possível verificar que existe sem querer um esquecimento, e desta forma por exemplo partilhando tudo o que se passa na sala do jardim de infância na rede social, funcionará como uma forma de ajudar a lembrar, mas, também, de partilhar ou de saber quando não se pode estar presente. As TIC oferecem muitas oportunidades de mudança, colocando à disposição dos pais e educadores técnicas seguras, rápidas e eficientes. Neste caso, a rede social *facebook* é uma mais valia pois permite combinar a flexibilidade da interação humana com a independência no tempo e no espaço (Steyer, 2015).

As redes sociais apresentam-se assim como um instrumento positivo no que diz respeito à promoção da comunicação entre a família e o jardim de infância ajudando a instituição a contornar dificuldades relacionadas com distâncias, falta de tempo dos pais. Promove uma maior aproximação dos pais ao jardim de infância, tornando-os mais ativos e informados sobre a educação dos seus filhos.

1.6.2. O *Facebook*

Como sublinha Steyer (2015):

a tecnologia apresenta-se como ponto central no cenário atual da civilização humana. Os computadores estão presentes em todos os espaços da sociedade, através do processo de globalização. Com o surgimento da *Internet* uma gama enorme de informações mais rápida e acessível possibilitou a proximidade entre as pessoas e uma nova forma de linguagem foi instaurada entre os participantes (p.36).

Assim sendo as redes sociais apresentam uma posição de grande importância na vida das pessoas. Existem várias redes sociais hoje em dia, mas importa-nos salientar uma das que têm mais influência atualmente e de ampla utilização social, o *facebook*.

O *facebook* trata-se da maior rede social gratuita, criada em fevereiro de 2004, por um grupo de universitários Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes. Os criadores inicialmente elaboraram esta rede social para um grupo restrito da universidade Harvard, com o intuito de criar uma ferramenta onde os alunos pudessem socializar entre si e combinar encontros. Mais tarde, em 2006 os criadores decidiram alargar para uma comunidade mais vasta, desde outras universidades americanas até a secundárias. O que se verificou é que o acesso era cada vez mais fácil e desta forma a população começou a aderir com mais frequência, havendo um aumento exponencial de utilizadores, com a particularidade da restrição de idade mínima de treze anos. Nos dias de hoje, o *facebook* está muito mais evoluído e qualquer pessoa pode ter acesso ao mesmo, é uma das redes sociais mais utilizada em todo o mundo por bilhões de pessoas (Fonseca, 2010; Páscoa, 2012; Steyer, 2015). É possível através do *facebook* criar perfis que possuem fotos, dados pessoais, interesses, são responsáveis ainda por adicionar pessoas do seu interesse e ainda receber pedidos de outras pessoas, tendo o poder de escolha de aceitar ou negar. Podem também trocar mensagens. A sua privacidade pode ser personalizada pelo utilizador o que permite que apenas as pessoas do seu interesse visualizem o seu perfil. É um espaço essencialmente de partilha e discussão de vários temas. O *facebook* fornece muitas ferramentas que facilitam a comunicação e a partilha de informações. Através do

facebook as pessoas podem partilhar imagens, vídeos que gostam com a comunidade pertencente ao seu perfil pessoal (Steyer, 2015).

Esta rede social é bastante conhecida também pelo facto de se poder criar grupos sobre vários temas, e estes podem ser restritos ou abertos a toda a comunidade *facebookiana* dependendo do desejo do seu criador. Também é possível criar eventos que podem tanto ser de carácter público ou privado. A rede social tem várias potencialidades como por exemplo: ajuda-nos a criar relações e a facilitar a comunicação; é de fácil utilização; permite que partilhemos com quem mais gostamos quer as coisas boas como as más que vão ocorrendo; ajuda a conhecer pessoas que partilham dos mesmos gostos; permite decidir o que queremos partilhar e com quem; podemos criar grupos de utilizadores e escolher as nossas políticas de privacidade. Essencialmente é uma ferramenta privilegiada que está disponível 24 horas por dia, 7 dias por semana. Como verificamos o *facebook* é maioritariamente utilizado como forma de fortalecer as relações.

1.6.3. Facebook e família

Como já foi mencionado no ponto anterior, o *facebook* é utilizado por biliões de utilizadores, o que nos mostra a sua relevância na nossa sociedade atual. Esta rede social caracteriza-se como vimos pela sua capacidade de reduzir distâncias aproximando as pessoas à distância de um clique. É algo mais informal que permite às pessoas estarem em contacto muito facilmente bastando ter um computador ou um *smartphone* com a respectiva aplicação instalada. (Fonseca, 2010; Steyer, 2015). A este propósito Porto e Santos (2014) afirmam:

Recentemente têm surgido muitos trabalhos que procuram identificar e explorar o potencial educativo de redes sociais, como o MySpace, Orkut, Ning, e sobretudo o *Facebook*, que referem, por exemplo, que esta rede pode potenciar a comunicação e a partilha de informação e conhecimento, e pode permitir o desenvolvimento de capacidades e estratégias de ensino/aprendizagem mais dinâmicas e interativas, abertas e criativas, possibilitando uma maior participação dos intervenientes, um melhor aproveitamento dos recursos e mais mobilidade de informação e conhecimento. (p.69)

Após o exposto, verificamos que a *internet* é a nova forma de comunicação, e como tal surgem as redes sociais e em particular o *facebook* que facilitam o diálogo e a partilha de informação, podendo o jardim de infância socorrer-se deste de forma a promover a comunicação e interação com as famílias.

E o que verificamos é que muitas das vezes os pais não participam mais derivado a vários fatores, nomeadamente a dificuldade em conciliar horários, e como forma de atenuar estes aspetos e facilitar o seu envolvimento, surge a rede social *facebook*. Como já tivemos oportunidade de averiguar o *facebook* é eficaz pela sua capacidade de aproximar pessoas a distâncias excessivas. O *facebook* é também a rede social com mais utilizadores o que nos declara que nos dias de hoje são poucas as pessoas que não utilizam o *facebook* no seu cotidiano (Fonseca, 2010; Porto & Santos, 2014; Steyer, 2015). A este propósito Steyer (2015) reforça:

Portanto, vivemos numa sociedade, onde a informação se dá de forma cada vez mais rápida. Diante dessa realidade, as redes sociais são primordiais para o mundo atual, pois ferramentas como o *Facebook* possibilitam que acontecimentos sejam visualizados quase que instantaneamente. Passam a utilizá-lo para reunir pessoas com causas semelhantes e objetivos comuns, fazer repercutir fatos, denúncias e outros (p.37).

O que constatamos é que o *facebook* é utilizado por grande parte da população e cada um pode participar à sua maneira, ou seja, possui uma postura livre e ativa. É uma excelente ferramenta de aproximação do jardim de infância com as famílias, pois neste espaço a educadora pode partilhar a informação que considerar pertinente com os pais e permitir a estes, que por vezes não conseguem se dirigir à instituição, acederem ao *facebook*, a qualquer hora e em qualquer lugar, estarem a par do que se passa na sala de atividades dos seus filhos. Permite, igualmente, e se considerarem oportuno, intervir e interagir virtualmente cooperando para uma maior ligação (Fonseca, 2010; Páscoa, 2012; Porto & Santos, 2014; Steyer, 2015).

Capítulo II – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este segundo capítulo corresponde à apresentação da natureza do estudo, a questão do estudo, aos objetivos, aos participantes no estudo, a construção do instrumento virtual, e descreve como foi realizada a recolha dados e quais os procedimentos adotados.

2.1. Questão do estudo

Primeiramente, a pergunta de investigação tem como objetivo ajudar a compreender melhor o que vai ser investigado. Tal como salienta Quivy e Campenhoudt (2005, citados por Carvalho, 2008), « A pergunta deve ser clara, exequível e pertinente, deve ser precisa, concisa e unívoca. Deve também ser realista e contribuir para a evolução da investigação científica, tendo uma intenção compreensiva ou explicativa.» (p. 65) O mesmo autor refere ainda que a pergunta de investigação consiste «em procurar enunciar o projecto de investigação (...) através da qual o investigador tenta exprimir o mais exactamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor» (*op cit.*, p. 65). Assim sendo, a questão primordial tem como finalidade ajudar na interpretação do que vai ser estudado, devendo ser clara e direta.

Tendo em atenção o exposto elaborou-se a seguinte a pergunta de investigação: será que as redes sociais, em particular o *facebook*, podem funcionar como instrumento de promoção da relação família- jardim de infância?

2.2. Objetivos do estudo

O objetivo geral do estudo: perceber se as redes sociais, em particular o *facebook*, podem funcionar como instrumento de promoção da relação família- jardim de infância.

Tendo presente o objetivo geral definiram-se os seguintes objetivos específicos:

- Conhecer qual o conhecimento dos pais face à rede social *facebook*;

- Perceber as vantagens e desvantagens dessa ferramenta para a maior promoção ou não da aproximação da família ao jardim de infância;
- Compreender qual o tipo de informação que os pais gostariam de ter na página sobre o trabalho educativo realizado com as suas crianças;
- Perceber o grau de satisfação dos pais face ao recurso da rede social como forma de aproximar as famílias ao jardim de infância.

2.3. Natureza e tipo de estudo

O estudo desenvolvido assume a forma de um estudo de caso. O estudo caso é dos métodos mais utilizados em termos de investigações qualitativas, e traduz-se numa análise pormenorizada de uma situação, pessoa ou acontecimento (Aires, 2015). Este estudo realizou-se no período da Prática de Ensino Supervisionada (PES), que teve o seu término oficial em dezembro de 2016. Contudo, verificou-se que o tempo era insuficiente para uma conclusão realista, pelo que houve a necessidade de prolongar o estudo até ao mês de abril, como forma de obter resultados mais fiáveis.

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, descritiva e interpretativa. Esta metodologia destaca-se pela sua versatilidade tal como Martins (2015) refere “se há uma característica que constitui a marca dos métodos qualitativos ela é a flexibilidade, principalmente quanto às técnicas de coleta de dados, incorporando aquelas mais adequadas à observação que está sendo feita.” (p.292)

Sublinha-se que este estudo é de natureza exploratória, dado que esta é uma temática pouco explorada, sobre a qual não existe muito conhecimento.

2.4. Participantes no estudo

Os participantes do estudo no total foram 24 pais (progenitores das crianças), que aderiram ao grupo criado no *facebook*, e aceitaram participar, nomeadamente 17 do género feminino e 7 do género masculino, aos quais foi atribuído um código de identificação de M1 a M17 para as mães e P1 a P7 para os pais como explícito na tabela 1 (os nomes das crianças são fictícios).

Criança	Identificação (M/P)
Rute	M1
Rodrigo	M2
Margarida	M3
	P1
Victor	M4
	P2
Maria	M5
Carolina	M6
Beatriz	M7
Duarte	M8
	P3
Diogo	M9
Soraia	M10
	P4
Mia	M11
	P5
Daniela	M12
Milene	M13
Paula	M14
	P6
Valter	M15
	P7
Cláudia	M16
Luís	M17

Tabela 1: Crianças e códigos de identificação dos pais.

2.5. Recolha de dados

Os instrumentos utilizados são determinantes para a recolha de dados relevantes que após análise e interpretação permite ao investigador atingir os objetivos do seu estudo. No presente estudo as fontes de dados foram:

- Grupo no *facebook*: objeto de análise documental
- Questionário às famílias;
- Análise documental;
- Questionário à educadora.

A primeira fonte de dados foi a criação de um grupo restrito na rede social *facebook*, ao qual os pais tinham acesso e onde constavam, entre outros, álbuns de fotos sobre os trabalhos elaborados durante a semana e também informações que a investigadora e a educadora cooperante colocariam caso fossem pertinentes, de forma a manter os pais informados.

A ideia da criação de um grupo fechado no *facebook* mostrou-se, na nossa perspetiva, uma ferramenta adequada ao público-alvo, uma vez que durante a prática, foi possível verificar que os participantes eram pais relativamente jovens. Isto, aliado ao facto do *facebook* ser, também, uma rede social muito ativa na sociedade, como já foi salientado em ponto anterior, permitiu-nos partir do princípio que estariam disponíveis para aderir ao mesmo.

A segunda fonte dados resultou da aplicação do inquérito por questionário aplicado às famílias (Apêndice 1) em maio e teve por objetivo saber qual a opinião e posição dos pais face ao grupo criado especialmente para a sala dos 5 anos. Um inquérito por questionário distingue-se de outros instrumentos de recolha de dados pelo facto de interrogar com uma intervenção do investigador mínima, comparativamente com a experimentação, onde o mesmo controla a situação (Ghiglione & Matalon, 1997).

O questionário elaborado para esta investigação é formado por questões abertas e questões fechadas, ambas formuladas previamente e que dispensam adaptação e explicação por parte do inquiridor, podendo assim ser comparáveis e quantificadas (Ghiglione & Matalon, 1997). As questões apresentadas aos pais, eram essencialmente para se perceber qual o seu conhecimento face à rede social, e se ficaram satisfeitos com o conteúdo partilhado.

Para além do exposto, importa mencionar que as questões assumiam ainda a forma de escalas. A escala possuía cinco gradações, entre elas: discordo totalmente, discordo, não concordo nem discordo, concordo, concordo totalmente. Os questionários foram entregues em mão aos participantes inquiridos, aos quais foi previamente pedida a colaboração. Depois de explicadas as questões, foi definido um prazo de entrega dos mesmos.

Com a análise documental pretende-se entender qual a importância que tanto a instituição como a educadora dão à relação família-jardim de infância e se valorizam esta relação nas suas práticas. Para tal, foram analisados os Projeto Educativo de Escola (PEE) e o Projeto Curricular de Grupo (PCG).

Por último foi realizado um questionário à educadora cooperante (Apêndice 2), com cinco perguntas sobre qual a sua opinião face ao instrumento realizado, quais as vantagens e desvantagens e se no futuro adotaria tal instrumento como forma de comunicação e aproximação às famílias.

2.6. Criação e organização do grupo no *facebook*

A primeira fonte de informação, como indicado, tratou-se de um grupo restrito na rede social *facebook*. Como tal, desenvolveu-se o grupo que de certa forma facilita aos encarregados de educação, permitindo um ajuste aos seus horários, podendo visitar a qualquer horário, conforme a sua disponibilidade. O que se averigua é que cada vez mais se verifica uma maior afluência por parte da população às redes sociais, mesmo por parte da comunidade educativa, que utilizam estes instrumentos como forma de partilhar rápido e a qualquer momento informações pertinentes.

A construção do grupo teve as seguintes fases:

- Informação aos pais e pedido de autorização para adesão ao grupo;
- Criação do grupo;
- Definição da informação a ser veiculada pela estagiária.

Em todos os momentos de construção do grupo a educadora cooperante foi envolvida procurando em particular na definição da informação a constar e divulgar no grupo. Para a construção da página no *facebook* foi necessário elaborar um comunicado aos pais como forma de os avisar do que ia ser realizado e dos seus objetivos, bem como a forma de acesso (Apêndice 3). Neste documento solicitava-se aos pais que manifestassem a sua concordância ou não em participar.

A fase seguinte corresponde ao desenvolvimento do grupo que se distingue por características específicas, tais como:

- ✓ O grupo era restrito, como forma de salvaguardar todos os dados e informações, promovendo a segurança de todos os membros. Só era aceite a comunidade educativa, neste caso as famílias, a educadora cooperante e auxiliares.
- ✓ Tratava-se de um grupo com o intuito de partilhar: a) as atividades da semana com fotografias das crianças, em que as caras foram devidamente ocultadas. Para além do mais as fotografias sempre que possível foram tiradas de forma a não permitir a identificação das crianças, garantido o seu anonimato e privacidade; b) a partilha de informações adequadas como podemos ver um exemplo na figura 1.

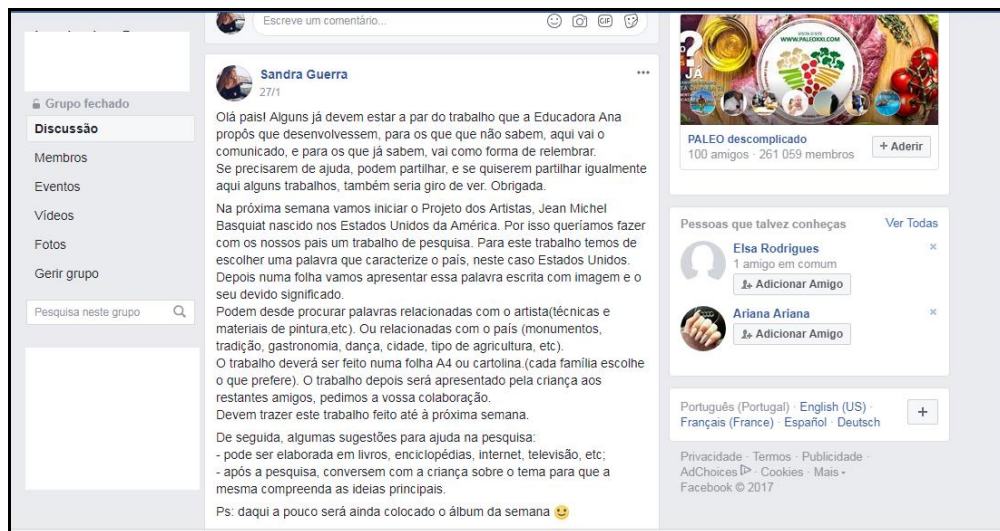


Figura 1:Exemplo de informação partilhada

Depois de tudo isto, foi criado o grupo, intitulado “A sala dos traquinas-2016/2017” (Figura 2)



Figura 2:O grupo restrito criado

Semanalmente foram publicados álbuns com as respetivas fotos acompanhados de uma legenda como forma de contextualizar o momento. Em seguida apresentam-se alguns dos álbuns para uma melhor compreensão (Figuras 3/4/5).



Figura 3: Exemplo 1 de álbum da semana

Como se pode visualizar na figura 4 as imagens permitiam uma compreensão por parte das famílias do trabalho desenvolvido na sala de atividades, suas características e a forma de participação/trabalho das crianças.



Figura 4: Exemplo 2 de álbum da semana

As imagens e informação veiculadas não se restringiram à sala de atividades e ao trabalho desenvolvido sob a orientação da educadora, mas também sobre as atividades lúdicas autónomas no espaço dos intervalos, vulgo recreio (figura 4).

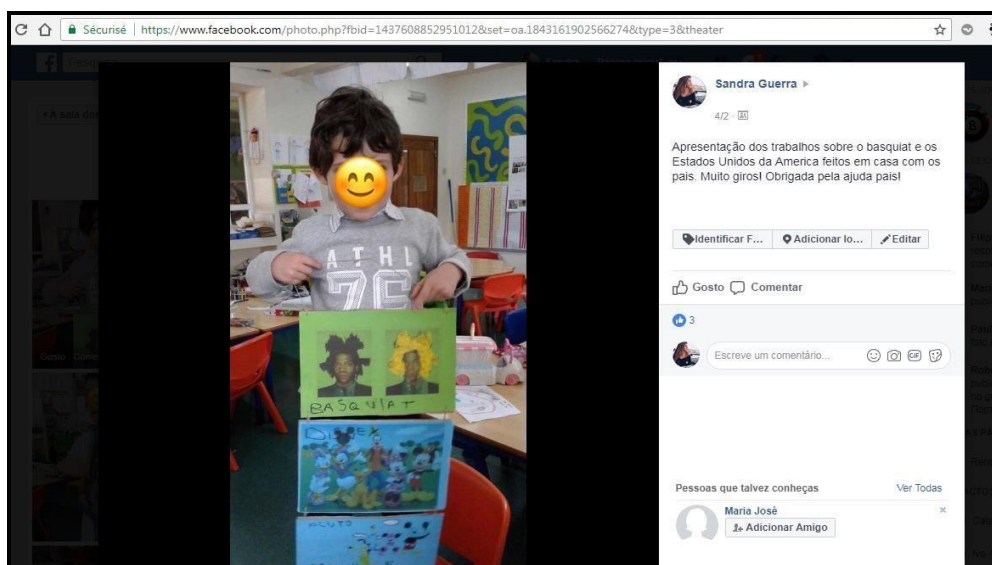


Figura 5: Exemplo de imagem do álbum com respectiva descrição.

Foi, igualmente, tida em atenção a possibilidade de cada criança mostrar aos seus pais, e familiares, o trabalho que tinha realizado (figura 5).

Como se pode denotar todo o grupo foi pensado minuciosamente de forma a responder às necessidades dos pais, ajudando-os a participar mais na vida educativa dos seus educandos. Com um clique, a qualquer momento do dia proporcionou-se aos pais o acesso às atividades das suas crianças através de um instrumento fácil e bastante acessível.

As questões éticas foram devidamente salvaguardadas como foi referido ao longo deste ponto no que se refere ao pedido de autorização dos pais e garantia do anonimato das crianças.

Findo o período do estudo procedeu-se ao levantamento, organização e análise da informação referente ao número de visualizações e comentários realizados pelas famílias. A informação recolhida é apresentada em tabelas e gráficos.

Capítulo III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos e analisamos de maneira interpretativa os dados recolhidos, estes serão apresentados em forma de gráficos, para facilitar a sua leitura e compreensão.

A apresentação e análise dos dados são realizadas segundo uma ordem específica, primeiro a informação relativa ao grupo do *facebook* e depois ao questionário aplicado aos pais. A forma como é apresentada é a seguinte:

- Participação no grupo (visualizações, gostos);
- Participação no grupo em função do sexo;
- Participação no grupo em função dos comentários;
- Participação no grupo de acordo com a identificação pais (M/P);
- Resultados relativos ao inquérito;
- A análise documental e as respostas da educadora ao questionário apresentam-se de forma integrada.

Após a apresentação e análise interpretativa dos resultados, realizamos a discussão dos resultados, onde reforçamos as ideias mais significativas da investigação e aquelas que pensamos serem as mais pertinentes à discussão.

As citações dos resultados foram obtidas durante o período da prática de ensino supervisionada (novembro, dezembro de 2016) isto é, todos os dias, a investigadora consultou o grupo do *facebook* de maneira a conseguir o máximo de resultados possíveis. Para além do mencionado, importa referir o tempo de PES terminou em dezembro de 2016, mas que continuou, como foi referido oportunamente no ponto sobre a metodologia.

3.1. Resultados relativos ao grupo do *Facebook*

Nos seis meses de estudo que decorreu entre novembro de 2016 a abril de 2017, houve uma média de 80,3 de visualizações. Contudo, a participação no grupo foi diversa consoante o mês, verificando-se que os meses de novembro e dezembro sem margem de dúvida foram os meses com maior número em termos de visualizações (243) (Gráfico III.

1). Assim, no mês de dezembro existem 126 visualizações, em segundo lugar o mês de novembro (117) o mês de março é o terceiro mês com mais visualizações (73). O mês de janeiro é o que se apresenta com menor número de visualizações (39).

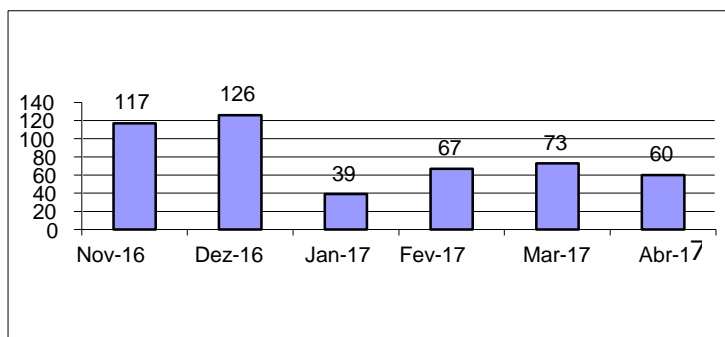


Gráfico III. 1: Visualizações por mês

No que se refere ao recurso/utilização/visita segundo o sexo observa-se que o género feminino definitivamente é o que mais se realça com uma maior participação visível no gráfico III. 2. O sexo masculino a sua maior presença destaca-se nos meses de dezembro (20) e novembro (18), contudo ao longo do período do estudo foi muito menor a sua participação.

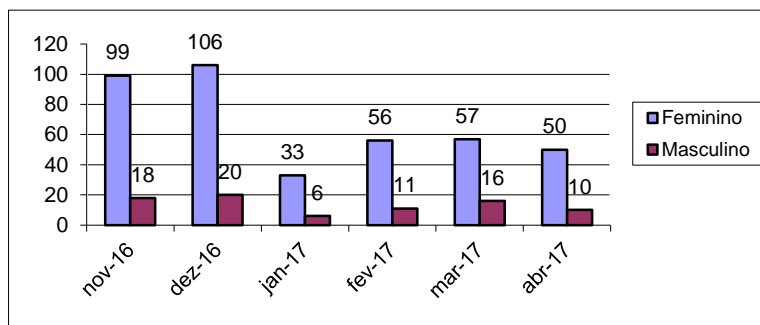


Gráfico III. 2: Números de visualizações por mês em função do sexo

No gráfico III.3 observa-se que o número de gostos tal como as visualizações foram maiores nos meses de novembro e dezembro (118). O mês com menos adesão foi abril, apenas 15 gostos no total, seguido de janeiro (17). A média observada durante os seis meses de estudo foi de 33,6.

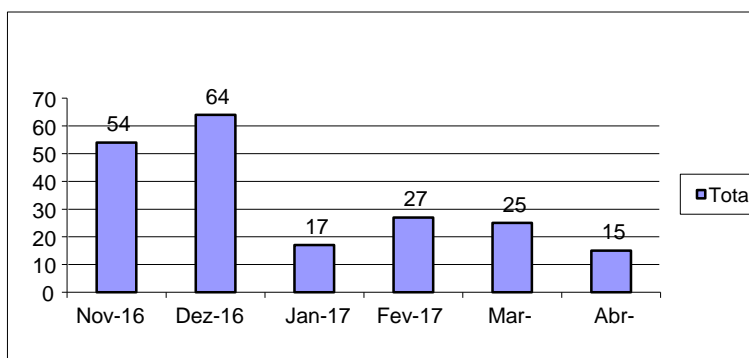


Gráfico III. 3: Participação através de "gostos"

No gráfico III.4 verifica-se que o sexo masculino é muito pouco participativo, tendo tido uma maior presença em dezembro (10) à semelhança do que se verificou nas “visualizações”. No mês de janeiro a sua presença não se verificou.

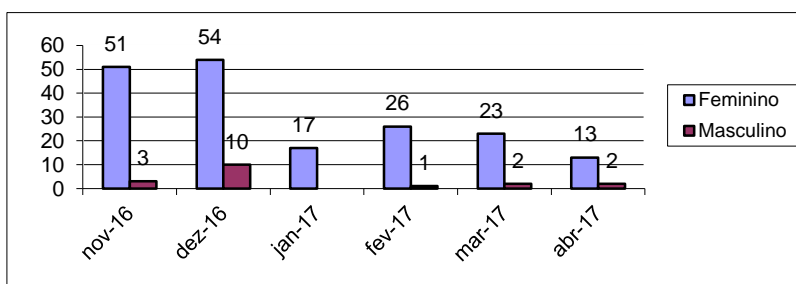


Gráfico III. 4 : Número de gostos por mês em função sexo

Relativamente ao gráfico III.5 relacionado com o número de comentários o que se verifica é que o mês de novembro (6), dezembro (9) março (4) foram os meses com o maior número de comentários. No mês de abril não se verificou nenhum comentário.

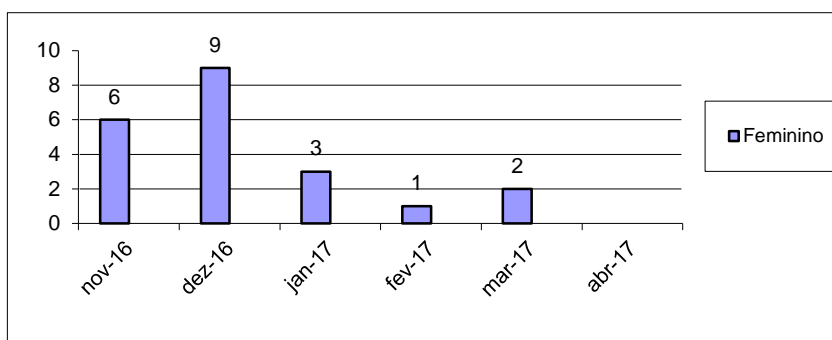


Gráfico III. 5: Número de comentários por mês segundo sexo

Verifica-se pela análise dos dados que os comentários são feitos exclusivamente por elementos do sexo feminino, mantendo-se o padrão de maior envolvimento das mães, não existindo a participação a este nível do sexo masculino em nenhum dos meses. A média de comentários entre novembro e março (em abril não existiram) foi de 4,2.

No que se refere aos comentários presentes todos eles são positivos, de que são exemplo:

- “Verdadeiros artistas.” -M3 (fotografia de álbum, 08/11/2016)
- “Lindo trabalho.” -M13 (fotografia da filha, 08/11/2016)
- “Bela cozinheira.” -M13 (fotografia filha, 11/11/2016)
- “Temos cozinheiras.” -M15 (fotografia das filhas de outras mães, 11/11/2016)
- “Foi o 1 teatro com detalhes que a minha filha me contou.” -M13 (foto teatro, 13/12/2016)
- “Muito giro” -M13 (fotografia presépio, 13/12/2016)
- “Está lindo” -M15 (fotografia presépio, 13/12/2016)
- “Gostaram muito da Sandra” -M13 (álbum sobre a despedida da estagiária, 15/12/2016)
- “Ela é gira, faz os trabalhos conosco.”-M1 (fotografia do livro oferecido pelas crianças à estagiária; 15/12/2016)
- “A Matilde vai ficar super triste por não ter estado presente neste momento tão especial. Ela só falava no desenho que tinha que fazer para a despedida.” -M13 (Álbum sobre a despedida da estagiária; 15/12/2016)
- “A mãozinha a segurar a folha, muito bem, para não ficar amachucada ou rasgada.” – M1 (Fotografia da filha, 07/01/2017)
- “Estou divando 😄💕😊” –M11(Fotografia trabalho da filha, 14/01/2017)
- “"fashion"!! 😄:) Até fico bem de... Amarelo!! 😄” -M13 (fotografia trabalho da filha, 14/01/2017)
- “Trabalhos muito giros e interessantes!! Uma ótima forma de aprender sobre os outros países!”M13 (Fotografia álbum, 04/02/2017)

O que se verifica é que maioritariamente os comentários incidem sobre trabalho dos seus filhos, apenas a M15 comentou a fotografia de outra criança sem ser o seu educando. O

que realça é então a predominância dos encarregados de educação comentarem as fotografias relativas aos trabalhos e atividades dos seus educandos.

Contudo, nem todas as famílias (pai e/ou mãe) visitaram a página e colocaram gostos, ou até mesmo comentários como se pode verificar nos gráficos III. 6/III. 7/III. 8. Para além do mais, através da tabela 2 (Apêndice 4) verificamos inicialmente que existe um maior número de participantes do género feminino do que do género masculino. Apenas 8 crianças têm a mãe e o pai inscrito no grupo. Dos restantes 11 apenas a mãe faz parte do grupo.

No gráfico III.6 identifica-se que os participantes P1 e P7 estão inscritos, mas não tiveram qualquer participação no grupo do *facebook*. É notório ainda que M17(1) e M7(2) apresentam uma escassa presença.

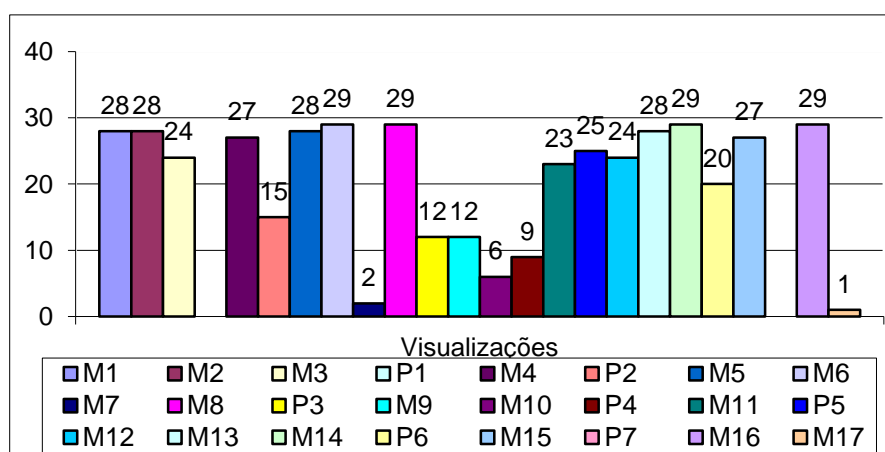


Gráfico III. 6: Número de visualizações segundo identificação dos pais (M/P)

O gráfico seguinte relativo aos gostos (III. 7) revela-nos que M16 é o elemento que mais participa a nível de gostos (25) logo depois M1 (19) e M15 (19). Neste parâmetro existe a ausência de muitos membros (P1, M6, M7, P3, P4, M12, P7, M17). Se compararmos com o gráfico anterior verificamos que a ação “visualizar” aconteceu mais vezes do que a ação colocar “gostos”.

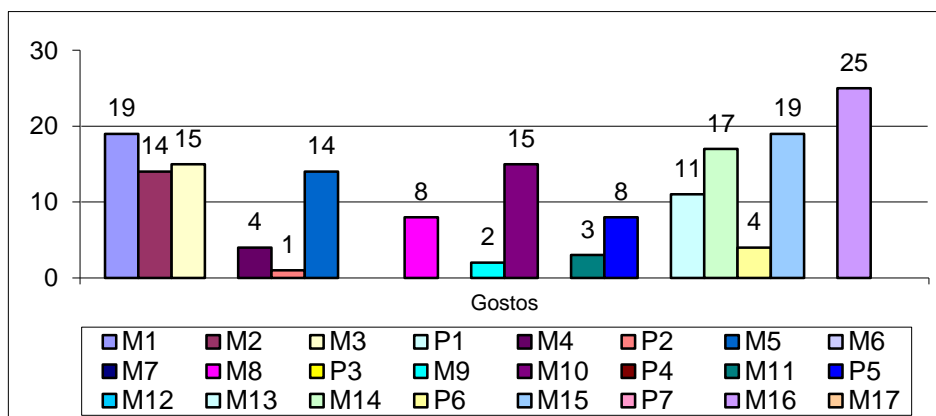


Gráfico III. 7: Número de gostos segundo identificação dos pais (M/P)

A nível de comentários (gráfico III.8), apenas M1(2), M3(2), M8(1), M11(1), M13(2), M15(2) e M14 participaram desta forma, sendo que M14 foi a que mais se destacou neste ponto com um total de 9 comentários no grupo.

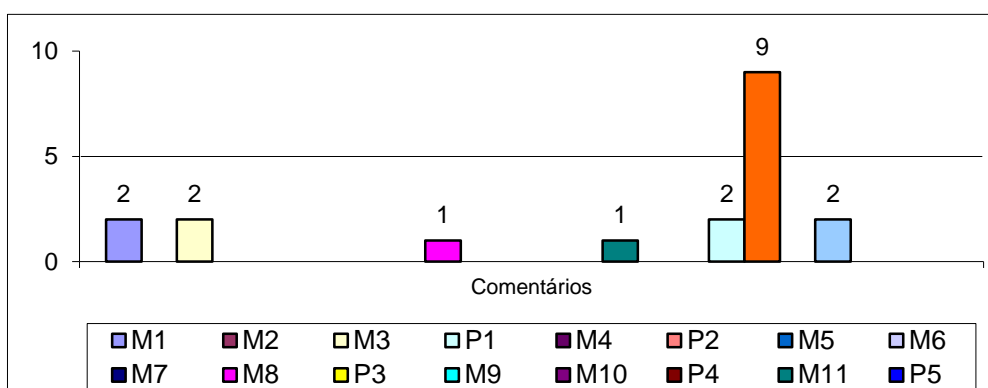


Gráfico III. 8: Número de comentários segundo identificação dos pais (M/P)

Para finalizar, apresentamos o gráfico III.9 onde se visualiza o total da participação dos elementos individualmente. Podemos então inferir que os participantes com mais atividade no grupo, em relação a visualizações, gostos e comentários a nível individual foram: M14 (55), M16 (54), M1 (49), M15 (48). Estes resultados expressam mais uma vez um padrão de envolvimento família/jardim de infância no feminino, centrado na mãe.

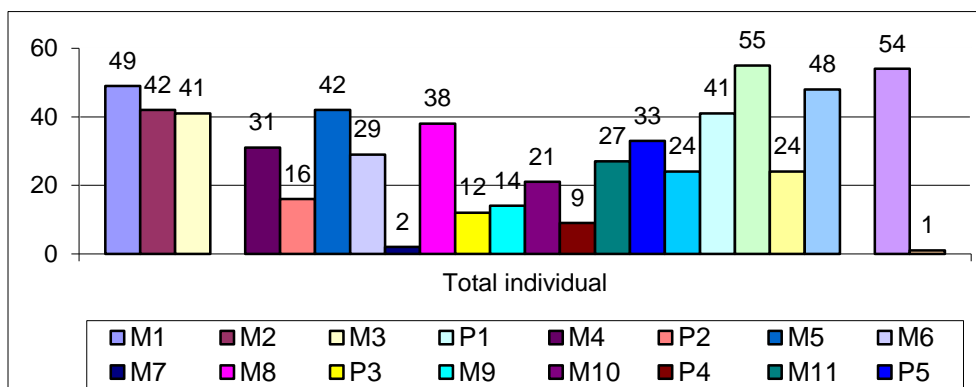


Gráfico III. 9: Número de participação a nível individual

No gráfico III.10 pode-se ver que a participação das famílias em que ambos os pais estão inscritos no grupo, independentemente do tipo e nível de participação de cada um, é mais elevada é de 3 num total de 7: M14 e P6 (79), M11 e P5 (60) M8 e P3 (50). Nas 4 restantes verifica-se uma participação de M3 e P1(41) M4 e P2(47) M10 e P4(30) M15 e P7(48). Tendo em atenção o total das famílias que efetivamente, participaram (17) de alguma forma (visualizações, gostos, comentários) observa-se que houve uma média de 38,4 visitas no período em análise.

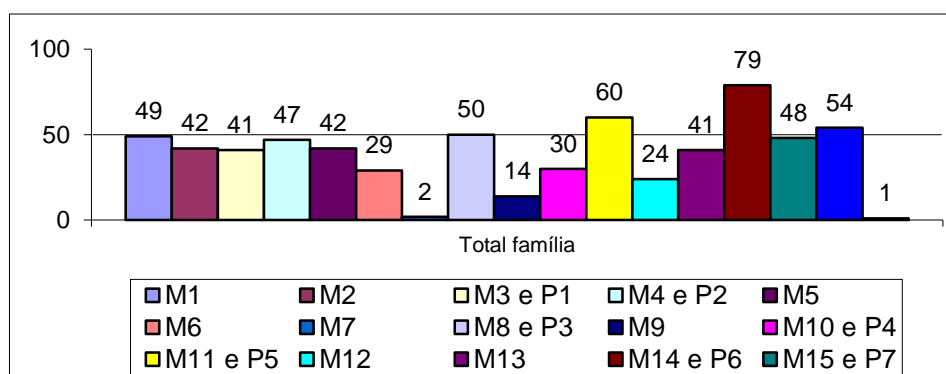


Gráfico III. 10: Número total de participação das famílias.

3.2- Resultados relativos ao questionário das famílias

Das 17 famílias que efetivamente participaram no grupo do *facebook* apenas 15 responderam ao inquérito por questionário.

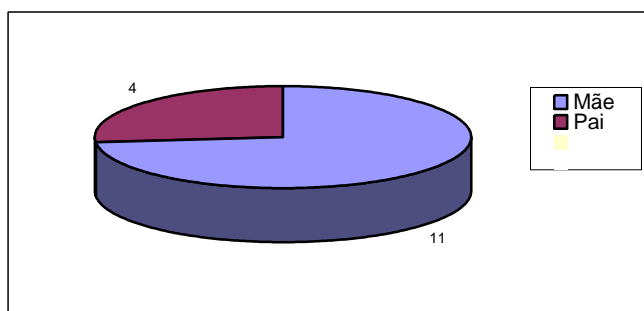


Gráfico III. 11: Grau de parentesco com o educando/a.

O que se verifica no gráfico III. 11 é que existe a predominância do sexo feminino neste caso, as mães, sendo 11, ao contrário dos pais que apenas se observa que existem 4 a responder ao inquérito.

Quando questionados sobre se tinham conhecimento do *facebook* e se consideravam de acesso fácil todos os respondentes (15) deram resposta afirmativa. Também a educadora cooperante considerou ser de fácil acesso: *que nos dias de hoje todas as pessoas usam o facebook e por isso a dificuldade penso que não foi sentida.*

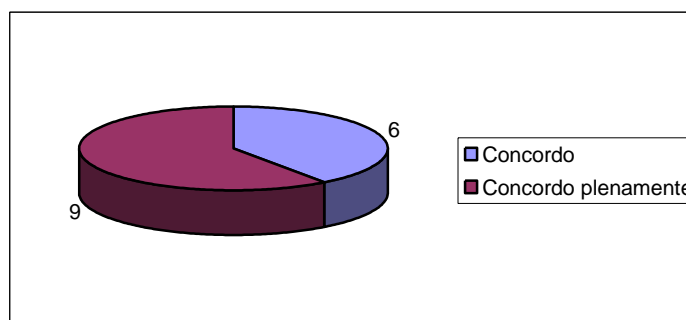


Gráfico III. 12: Opinião sobre o acompanhamento das atividades

Todos os inquiridos quando questionados sobre se o *facebook* permitiu-lhes acompanhar as atividades realizadas durante a semana pelo(a) seu(u) filho (a) responderam positivamente.

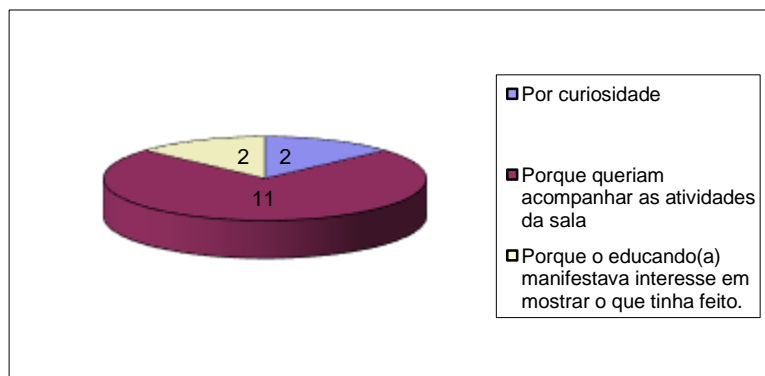


Gráfico III. 13: Motivo de visualização.

O principal motivo pelo qual os pais visitaram a página (gráfico III. 13) prende-se com o desejo de quererem acompanhar as atividades da sala - 11 dos 15 participantes. De seguida, temos 2 pais que mencionaram ser por curiosidade e outros dois pelo seu educando manifestar vontade de mostrar-lhe o que tinha feito.

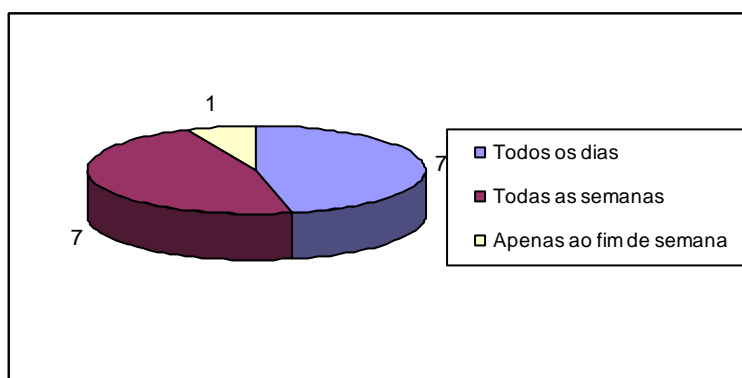


Gráfico III. 14: Frequência de visualização.

No que se refere à frequência com que visitavam a página observa-se no gráfico III.14 que predominam as visualizações todos os dias e todas as semanas ambas com 7 respostas cada, apenas uma família indicou visualizar o grupo apenas ao fim de semana.

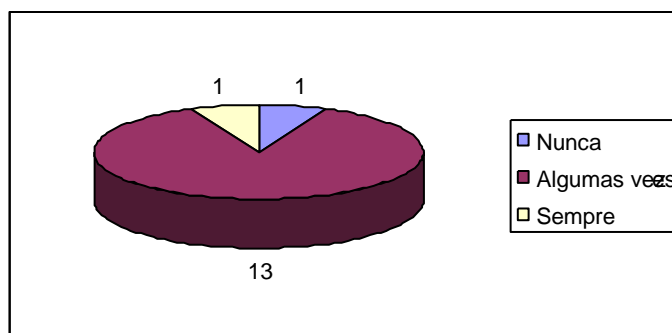


Gráfico III. 15: Visualização com companhia do educando/a.

Quando questionados os encarregados de educação, sobre a partilha da visualização da página na companhia dos seus educando, os resultados obtidos (gráfico III.15) revelam que 13 dos participantes mencionam que o faziam com a companhia do(a) seu(ua) educando(a) “Algumas vezes”, e apenas um pai o fazia “Sempre” na companhia do filho(a). Apenas 1 participante revelou que nunca o fazia e justificou dizendo: *Descobri o grupo através do meu marido e não sabia o que era quando recebi o convite, daí não incluir o meu filho.*

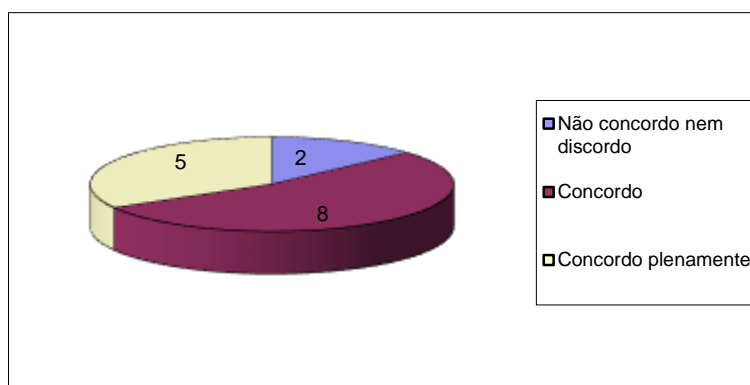


Gráfico III. 16: Opinião do contributo para melhoria da relação

No gráfico que se apresenta (III.16) observamos que as famílias inquiridas, avaliam positivamente o contributo dado pelo grupo à relação família/jardim de infância (13), sendo que 8 dos inquiridos respondeu que “Concordava” e 5 “Concordou Totalmente.” Apenas 2 dos participantes, revelaram que “Não concordavam nem discordavam.”

A educadora também avalia de forma positiva o contributo do *facebook*: *é uma ferramenta moderna nos dias de hoje que nos permite uma maior proximidade com as famílias das “nossas”crianças, no sentido de lhes dar a conhecer o nosso trabalho*

pedagógico, numa tentativa constante de envolvimento no processo educativo do seu (sua) filho (a).

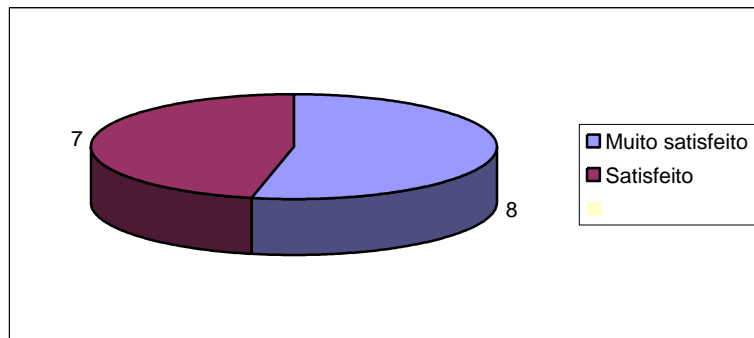


Gráfico III. 17: Satisfação quanto ao conteúdo partilhado.

Quanto ao grau de satisfação com a informação partilhada no grupo as respostas foram todas positivas. Consta-se no gráfico III. 17 que 8 dos inquiridos revelam que se sentem “Muito satisfeitos” face o que foi partilhado no grupo e os 7 restantes mostram-se “Satisfeitos.”

Na pergunta seguinte, onde foram questionados sobre o que gostavam de ter visto mais no grupo, apenas um dos participantes respondeu expressando que: *Gostava de ter visto mais momentos, como o recreio, o lanche e a ementa semanal.*

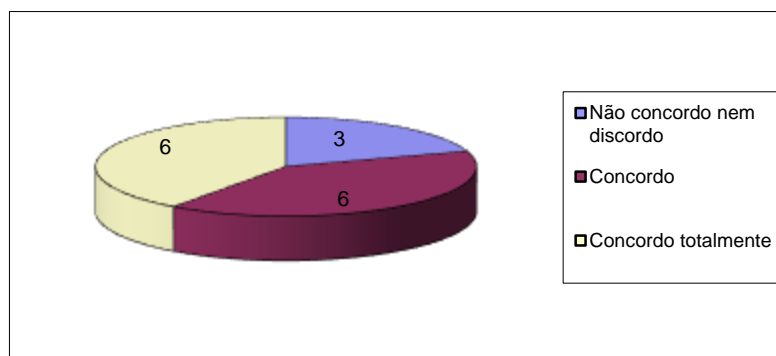


Gráfico III. 18: Opinião para futuro funcionamento da página.

De seguida, os participantes foram questionados sobre a sua concordância quanto à continuidade do grupo do *facebook* no ano seguinte. Verificamos que 6 dos inquiridos responderam positivamente, “Concordando totalmente” e outros 6 apenas “Concordaram.” Denotou-se ainda que 3 mencionaram que “Não concordavam nem discordavam.”

Para finalizar foi elaborado o questionário como já foi referido anteriormente. Assim sendo as últimas questões tinham como objetivo perceber quais as opções de melhoria da

educadora, que nos citou: *para melhorar talvez criar novos álbuns, por exemplo um só de partilha por parte dos pais.*

E por último, quisemos perceber até que ponto a educadora adotaria esta estratégia na sua prática, ao que nos mencionou que: *é uma prática importante dos dias de hoje e uma forma bastante interessante de envolver os pais na dinâmica da sala, mas nunca pondo de lado o contacto diário com os pais. Se irei dar continuidade, penso que sim, depois dos pais terem alguma confiança comigo e vice-versa penso que é uma ferramenta útil ao nosso trabalho. Mas primeiro há que criar uma relação de confiança com os pais.*

3.3-Discussão dos resultados

O que se observou inicialmente no grupo criado especialmente para a sala dos 5 anos através dos gráficos relativos às visualizações é que no primeiro mês (novembro de 2016) a adesão por parte dos pais foi forte (117) Na nossa visão, este facto pode ser justificado por se tratar do primeiro mês do grupo, ou seja, uma fase de adaptação ao mesmo suscitando uma maior curiosidade.

No mês de dezembro de 2016 houve um aumento das visualizações (126), num período em que os pais estavam mais familiarizados com o grupo, e por isso, é visível uma maior adesão. Este aumento também se prende com o facto de se tratar do mês do Natal, que proporcionou mais atividades elaboradas pelas crianças, que foram partilhadas, despertando, sem dúvida, mais interesse nos pais. Para além do mais podemos também inferir que nesta altura os pais possuem mais tempo, derivado à época natalícia que proporciona mais momentos em casa. Para além disso, este mês também ficou marcado pelo fim oficial do estágio da PES da investigadora, o que proporcionou momentos de maior proximidade com as crianças e respetivas família, e conseqüentemente, uma maior procura em participar e demonstrar interesse.

No mês de janeiro de 2017, o número de visualizações decresceu bastante (39), mas o que se observa é que existe um equilíbrio de visualizações nos meses seguintes, com um ligeiro aumento no mês de março de 2017 (73). Este aumento pode estar relacionado com o maior número de álbuns partilhados, refletindo um período em que a dinâmica das atividades orientadas pela educadora cooperante se intensificou, conduzindo à partilha de mais trabalhos das crianças. Situação semelhante ocorreu nos meses de novembro e dezembro de 2016.

Em relação aos comentários elaborados pelos participantes percebe-se que existe uma pequena quantidade dos mesmos ao longo de todos os meses da investigação (21). Outro aspeto importante mencionar é que o sexo masculino não se revelou neste ponto. Os comentários foram essencialmente feitos pelas mães a fotografias dos seus educandos e são todos considerados positivos.

Apesar das oscilações quanto ao número e tipo de visitas ocorridas no período em estudo, é possível inferir que efetivamente o recurso a uma plataforma virtual, permitiu uma maior comunicação/circulação de informação e a redução das distâncias entre participantes como referido na literatura (Ribeiro, 2016; Vicente, 2012).

Efetivamente, quando questionadas as famílias expressaram de forma unânime que o grupo no *facebook* lhes permitiu acompanhar as atividades que foram realizadas pelo seu filho (a) ao longo do ano letivo e que este contribuiu de forma relevante para melhorar a relação com o jardim de infância. Estes resultados evidenciam a importância das redes sociais na promoção da relação do jardim de infância com as famílias referenciada por diversos autores (Abreu, 2012; Baptista 2013; Carvalho, 2008; Jesus, 2012; Lopes da Silva *et al.*, 2016; Steyer, 2015).

Outro aspeto importante mencionar é o facto de o sexo feminino visualizar mais a página do que o masculino, isto também se pode sem dúvida, justificar devido ao número participantes masculinos ser apenas 7. No entanto, no cômputo geral (participação no grupo, visualização, gostos, comentários) os participantes são maioritariamente do sexo feminino conduz-nos à ideia de que as mães (neste caso) estão mais ativas na vida escolar dos seus educando, e, por outro lado, a estarem mais recetivas a participar no estudo. É também um resultado que evidencia que é a mãe quem continua a ter um papel central na educação e acompanhamento dos filhos.

Os resultados revelam ainda que o grupo conta com 24 inscritos, mas nem todos participam no grupo quer a nível de visualizações, quer a nível de gostos ou comentários. Apenas 22 participam no grupo, sendo que M7(2) e M17(1) mostram-se muito pouco participativos, e os membros P1 e P7 não participaram em nenhum momento do grupo. No gráfico III.7 face ao número de gostos de acordo com o sexo, notamos que M16 é o elemento que mais participa a nível de gostos (25) De seguida, ainda no mesmo parâmetro existe a ausência de muitos membros (P1, M6, M7, P3, P4, M12, P7, M17). O que nos permite compreender que houve muito mais atividade dos participantes em relação às “visualizações” do que aos “gostos”.

Se a adesão ao grupo do *facebook* foi grande (24 participantes) já o mesmo não aconteceu com as respostas aos questionários a que responderam apenas 15 (11 do sexo feminino e 4 do sexo masculino). O que se pode concluir é que os participantes, à semelhança da sociedade, encontram-se mais despertados para a realidade virtual e com maior motivação em oposição a ferramentas mais vulgares, como a participação nos inquéritos escritos. Aliás todos os inquiridos afirmaram ter conhecimento do *facebook* e consideraram ser de acesso fácil (15).

Facto que ajudou na concretização do estudo, visto que não houve restrições por falta de conhecimento o que aliás vai o encontro do referenciado na literatura (Fonseca, 2010; Porto e Santos, 2014; Steyer, 2015).

O motivo que levou estas famílias a aderirem e visitarem o grupo de *facebook* da sala de jardim de infância do seu filho foi o de querer acompanhar a vida escolar dos seus filhos. Isto, aliado à frequência de visualizações (todos os dias ou pelo menos uma vez por semana) revela-nos de uma forma muito importante que estas famílias estão despertadas para a importância de uma participação ativa no jardim de infância. O facto de a visualização ter sido feita na companhia do seu educando (13), e um dos inquiridos ter mencionado ver sempre na companhia do educando, permite-nos inferir que nestas partilhas estiveram presentes o interesse pelas atividades e trabalhos realizados pela criança bem como elogios e incentivos que não podem deixar de se refletir positivamente no desenvolvimento cognitivo e emocional e sua implicação no trabalho educativo realizado no jardim de infância. Estratégias que diversos autores apresentam como podendo ser adotadas pelas famílias para ajudarem os seus filhos e que têm implícito o reconhecimento o papel da instituição educativa na educação do(a) seu(u) filho(a) (Abreu, 2012; Abreu, 2016; Picanço, 2012).

Estes resultados evidenciam que o recurso a esta ferramenta digital ajudou a concretizar o objetivo de ir ao encontro das famílias previsto no PCG pela educadora cooperante:

dada a importância do contexto familiar na educação das crianças, torna-se fundamental na minha prática educativa planear e avaliar a minha acção junto dos pais, de forma a conhecer individualmente cada criança, *“prevendo estratégias que incentivem a sua participação, [permitindo-me] conhecer melhor o contexto familiar e social das crianças e envolver os pais/famílias no processo educativo, ajustando e reformulando a [minha acção] em função da avaliação dessas práticas”* (Ministério Educação, 2016, p.18)(Pcg.p.29)

Apesar do resultado positivo do grupo do *facebook* no envolvimento das famílias no jardim de infância não foram identificadas situações mais activas em termos de interação virtual entre ambas as instituições tendo em vista uma maior ligação como apresentado por alguns autores (Fonseca, 2010; Páscoa, 2012; Porto e Santos, 2014; Steyer, 2015).

Importa ainda realçar que para além da educadora em contexto de sala ter em atenção a importância da família e adotar estratégias de aproximação, também a instituição privilegia este aspeto e procura incluir os pais em muitas atividades como podemos ver no Projeto Educativo de Escola. Neste documento, está expresso:

Os temas são vários e normalmente estão associados aos temas do projeto dos artistas. Por exemplo se um dos temas abordado pelo artista que estamos a trabalhar for o corpo humano, então pedimos aos pais para pesquisarem com os filhos algo sobre o corpo humano, façam um registo com o seu filho para que o seu filho não tenha dificuldade na apresentação do tema. Assim estes dois projetos têm como objetivo: criar situações facilitadoras de interação entre a família e o jardim de infância (PEE:24).

Assim sendo, todo este trabalho foi desenvolvido com a preocupação de incentivar a uma maior aproximação encontrando um exemplo de um instrumento que pode ser utilizado de forma simples. Desta forma, podemos responder assim à questão de investigação proposta: será que as redes sociais, em particular o *facebook*, podem funcionar como instrumento de promoção da relação família-jardim de infância? Tendo em atenção a análise de resultados percebe-se que a rede social *facebook* promoveu a relação entre família e o jardim de infância e que pode ser utilizado como uma ferramenta de aproximação. Como já foi mencionado no capítulo anterior o *facebook* pretende essencialmente aproximar pessoas e diminuir as distâncias existentes. E o que se verificou foi que o recurso a esta rede social possibilitou uma maior aproximação entre família e jardim de infância, contribuindo, essencialmente, para um maior acompanhamento por parte dos pais das atividades dos seus filhos, o que nem sempre é possível por razões diversas, mas principalmente laborais.

É importante, ainda, referir que, mesmo depois do final da investigação e da investigadora deixar de estar presente na sala, a educadora cooperante continuou a dar uso ao grupo criado. Os pais também continuaram a participar no mesmo, o que revela a importância do grupo *facebook* para uma maior relação entre a família e o jardim de infância.

Apesar de se ter identificado uma maior aproximação das famílias das crianças ao jardim de infância, através do recurso ao *facebook* houve pelo menos uma família que não

participou apesar de inscrita o que nos remete para necessidade de dar mais informação às famílias bem como à educadora quanto às possibilidades de intervenção que este recurso virtual permite. Igualmente, pese embora apenas um dos inquiridos ter dado indicação quanto à informação que gostaria de ver no grupo esta suscita algumas reflexões quanto à mesma. No estudo contemplou-se fundamentalmente informação sobre as atividades em contexto de sala, no entanto, de futuro deve ser contemplada informação sobre as atividades em outros espaços do jardim de infância como o recreio, as refeições e outras atividades, por exemplo, no exterior da instituição.

CONCLUSÃO

Esta investigação consistiu em experimentar uma ferramenta baseada numa rede social intitulada *facebook* que promovesse uma maior aproximação das famílias ao jardim de infância. Porque como já foi falado a relação família-jardim de infância é crucial para que o desenvolvimento da criança seja desenvolvido com sucesso. Contudo muitas famílias nos dias de hoje não participam mais na vida dos seus educandos não porque não querem, mas porque não conseguem. Como tal, foi decidido que o objetivo central seria ajudar as famílias que por várias razões não participam tanto quanto gostariam. Desta forma o trabalho remete-nos para a importância de uma boa proximidade entre a família e o jardim de infância e de que forma se pode promover esse envolvimento. Como a *internet* e as redes sociais cada vez mais assumem um papel bastante relevante na vida da população e vivemos numa sociedade em que cada vez menos as famílias têm tempo/horário. Foi pensado porque não conjugar estas duas vertentes e criar um grupo restrito na rede social *facebook* para que as famílias possam ter acesso a tudo o que se passa na sala das suas crianças e essencialmente podem também ter voz nesse grupo.

Os objetivos desenvolvidos surgiram como forma de ajudar na resposta à questão de investigação: será que as redes sociais, em particular o *facebook*, podem funcionar como instrumento de promoção da relação família- jardim de infância? Foi então respondida com sucesso, pois se verificou através da análise dos resultados que houve bastante adesão e opiniões positivas face ao grupo criado. Posto isto, os objetivos estipulados foram igualmente cumpridos com sucesso. Concomitantemente foi elaborado também um inquérito que tinha como objetivo primordial compreender qual seria a opinião dos pais face ao grupo criado. O que os inquéritos nos revelaram foi que houve uma imensa concordância dos pais face ao grupo e aos seus benefícios para um maior estreitamento da relação família-jardim de infância. Esta investigação foi bastante significativa, pois permitiu conhecer realidades e entender de que forma o educador pode intervir de forma simples para o melhoramento da relação da família face ao jardim de infância, que muitas das vezes não é tão forte derivado a inúmeros factores que fogem ao controlo dos próprios pais, como por exemplo: o horário de trabalho prolongado, ou não coincidente. Conclui-se ainda, que é importante que o(a) educador(a) esteja consciente das vantagens e oportunidades que o recurso à rede social *facebook* apresenta como ferramenta de promoção do envolvimento família e jardim de infância.

Ao longo de toda a investigação deparamo-nos com algumas dificuldades e constrangimentos. A principal limitação sentida foi o tempo para desenvolver o estudo. Verificamos que apenas 3 meses seriam muito pouco para poder tirar alguma conclusão. Assim sendo, a solução passou por aumentar o número de meses, apesar de a PES ter terminado em dezembro, o trabalho continuou a ser desenvolvido até abril, para que se conseguisse obter um resultado fiável. Em estudo futuro seria interessante fazer um grupo no *facebook* para um maior período de tempo, isto é, desde início do ano letivo até ao final, e constatar quais as diferenças, evoluções ao longo de todo o ano. Um processo que deveria ser acompanhado de melhor informação quanto às potencialidades da ferramenta virtual junto da família em particular dos elementos do sexo masculino. As novas tecnologias cada vez mais fazem parte do dia a dia da população. Seria assim interessante que cada educadora tivesse uma ferramenta digital de promoção da aproximação família-jardim de infância.

REFLEXÃO FINAL

“O maior erro que você pode cometer, é o de ficar o tempo todo com medo de cometer algum.”

Elbert Hubbard

Este trabalho foi rico de aprendizagens que irão ser bastante úteis para o meu futuro a nível profissional, mas também pessoal. No decurso da PES vivenciei muitas experiências que muitos contributos trouxeram. Foi bastante importante para a minha melhoria enquanto ser humano e futura educadora de infância. Ajudou-me a compreender melhor as necessidades dos pais e a ser uma pessoa mais compreensiva. Para além do mais, auxiliou-me na compreensão das crianças e como é importante que haja sempre uma vertente pedagógica em todas as atividades/brincadeiras que desenvolvemos. Todas as crianças trazem a sua bagagem, e essa bagagem é essencialmente composta pela família e pelas experiências que estas proporcionam, como tal é crucial que o educador conheça e fundamentalmente compreenda o meio onde a criança está inserida.

A PES foi igualmente marcada por períodos de muita ansiedade e receio que facilmente foram ultrapassados com a ajuda da educadora cooperante. Estar numa sala de jardim de infância, com 26 crianças, trouxe muitas aprendizagens. É de salientar que nem tudo o que foi realizado correu a 100%, mas de cada atividade desenvolvida houve uma aquisição fulcral para o futuro. As atividades elaboradas com as crianças foram uma aprendizagem constante e constituíram a minha maior evolução. A confiança depositada por parte da educadora cooperante foi crucial para superar os desafios com que fui confrontada. Este mestrado tornou-me uma pessoa mais madura, compreensiva, reflexiva e consciente que esta foi apenas uma etapa do meu percurso formativo e que ser educador de infância é ser um profissional em desenvolvimento num processo de aprendizagem ininterrupto.

Ademais, a PES foi marcada pelo facto de ter um grande contacto com as famílias das crianças, confesso que era um medo que possuía e daí também o interesse em trabalhar esta temática. Ao desenvolver este tema foi possível tirar muitas das dúvidas existentes em relação à participação dos pais e qual a melhor forma de intervir.

Este estudo contribuiu para uma maior perceção das realidades das famílias, por detrás de cada pessoa há uma história, uma vida. E não devemos desvalorizar ninguém e que a educadora tem um papel fulcral na aproximação das famílias, e que é fundamental que a

mesma procure sempre encontrar as melhores estratégias para que facilite a relação jardim de infância-família.

É importante refletir ao longo de toda a nossa vida e não só, neste caso nos momentos de PES. A nossa evolução é um processo que nunca acaba e deve ser melhorado a cada dia que passa é esta perspetiva que quero para a minha vida.

REFERÊNCIAS

Abreu, A. (2012). *A importância da cooperação entre a escola e a família - Um Estudo de Caso*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Castelo Branco). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10400.11/1560> a 20 de janeiro de 2017.

Abreu, D. (2016) *A relação escola-família como potenciadora do sucesso educativo*. (Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Porto). Acedido em: <http://hdl.handle.net/20.500.11796/2300> a 20 de janeiro de 2017.

Aires, L. (2015) *Paradigma qualitativo: e práticas de investigação educacional*. Acedido em: <http://hdl.handle.net/10400.2/2028> a 10 de junho de 2017.

Baptista, M. (2013) *Os pais e a família no jardim de infância: uma parceria na construção e desenvolvimento do currículo*. (Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Portalegre). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10400.26/5091> a 4 de fevereiro de 2017.

Beja M. (2009). *Escola e família: da inevitabilidade da comunicação à construção de uma realidade relacional (Estudo exploratório no 1º ciclo do ensino básico)*. (Tese de Doutoramento, Universidade da Madeira). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10400.13/178> a 23 de janeiro de 2017.

Carvalho, S. (2008). *A participação dos pais no jardim de infância*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto). Acedido em: <http://hdl.handle.net/11328/58> a 20 de janeiro de 2017.

Caseirito, M. (2012). *Redes sociais de professores: um estudo de caso*. (Dissertação de Mestrado, Instituto de Educação, de Lisboa). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10451/8246> a 12 de maio de 2017.

Diário da República (1997). Lei 5/97. Lei-Quadro para a Educação Pré-Escolar. Iª Série A de 10.02.97, Janeiro.

Dias, M. (2011). *Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica o processo de comunicação no sistema familiar*. *Gestão e Desenvolvimento*, 19: pp. 139-156. Acedido em: <http://hdl.handle.net/10400.14/9176> a 10 de fevereiro de 2017

Faria, À., & Ramos, A. (2011). *Redes sociais no jardim de infância para aprender e partilhar com a família e a comunidade*. in *Libro de actas do XI Congresso Internacional Galego Português de Psicopedagogía*. ISSN 1138-1663. Universidade do Minho. Acedido em: <http://hdl.handle.net/1822/33664> a 15 de maio de 2017.

Fernandes, A. (2010). *Prática de Ensino Supervisionado em Educação Pré-Escolar*. (Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Bragança). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10198/4235> a 27 de janeiro de 2017.

Figueiredo, M. (2010) *A Relação Escola família no Pré-Escolar: Contributos para uma compreensão*.(Dissertação de Mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Porto). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10284/1937> a 21 de janeiro de 2017.

Fonseca, C. (2010) *Cartografias do self no Facebook*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10316/14375> a 2 de março de 2017.

Fonseca, C. (2011) *O Envolvimento dos Pais no Jardim-de-Infância: As ideias dos Educadoresde-Infância*: (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10451/6255> a 30 de janeiro de 2017.

Ghiglione, R., & Matalon, B. (1997). *O Inquérito: teoria e prática* . Oeiras: Celta Editora.

Gonçalves, V. (2011). *Prática de Ensino Supervisionada*. (Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Bragança). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10198/6840> a 30 de janeiro de 2017.

Henriques, M. (2009) *Relação creche/família: uma visão sociológica*.(Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho). Acedido em: <http://hdl.handle.net/1822/11037> a 24 de janeiro de 2017.

Jesus, V. (2012). *Relação escola/família De que modo o educador pode proporcionar atividades que envolvam a família?* (Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Santarém). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10400.15/1035> a 10 de fevereiro de 2017.

Lopes da Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação. Acedido em: <http://www.dge.mec.pt/orientacoes-curriculares-para-educacao-pre-escolar> a 23 de fevereiro de 2017.

Magalhães, G. (2007). *Modelo de colaboração jardim de infância/família*. Lisboa, Horizontes pedagógicos, sob a orientação de António Oliveira Cruz: Instituto Piaget.

Martins, A. (2015). *O jardim-de-infância e a família: uma relação mediada pela utilização de um blogue*. (Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Castelo Branco). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10400.11/2873> a 11 de março de 2017.

Martins, M. (2015). *A Entrada nas Redes Sociais e o seu Efeito – O caso da Huawei Portugal*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10316/29948> a 20 de maio de 2017.

Oliveira, T. (2013). *Perspectiva dos pais quanto à sua participação na creche*. (Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico Gaya). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10400.26/4996> a 3 de fevereiro de 2017.

Páscoa, G. (2012). *O contributo da web social – rede social Facebook – para a promoção do envelhecimento ativo: estudo de caso realizado na USALBI*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Técnica de Lisboa). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10400.5/4427> a 20 de maio de 2017.

Pereira, S. (2010). *A relação dos pais com o ensino pré-escolar: representações e envolvimento no jardim-de-infância dos seus filhos*. (Dissertação de Mestrado, Universidade dos Açores, Ponta Delgada). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10400.3/2914> a 16 de fevereiro de 2017.

Pereira, M. (2013). *Superior Interesse da Criança: Das idealizações discursivas às múltiplas incertezas da realidade*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Porto). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10284/4926> a 10 de abril de 2017.

Picanço, A. (2012). *A relação entre escola e família -as suas implicações no processo de ensino aprendizagem*. (Dissertação de Mestrado, Escola superior de educação João de Deus, Lisboa). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10400.26/2264> a 2 de fevereiro de 2017.

Porto, C. & Santos, E. (2014). *Facebook e Educação: publicar, curtir, partilhar*. Campina Grande - PB: Editora da Universidade Estadual da Paraíba. Acedido em: <https://static.scielo.org/scielobooks/c3h5q/pdf/porto-9788578792831.pdf> a 30 de maio de 2017.

Reis, M. (2008) *A relação entre pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*: (Tese de Doutoramento, Universidade de Málaga). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10400.26/2238> a 20 de abril de 2017

Ribeiro, C. (2009). *A relação escola/família..* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10316/12162> a 15 de março de 2017.

Ribeiro, D. (2012). *A Importância da Avaliação na Educação Pré- Escolar*. (Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Covilhã). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10400.6/2690> a 5 de junho de 2017.

Ribeiro, R. (2016). *As tecnologias na COMUNICAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA”: Um projeto de utilização de plataformas online numa escola dos 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10451/26506> a 20 de junho de 2017.

Silva, S. (2003) *Adaptação académica, pessoal e social do jovem adulto ao ensino superior contributos do ambiente familiar e do autoconceito*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra). Acedido em: https://myesecweb.esec.pt/cdi/ebooks/docentes/S_Silva/Tese.M.pdf a 15 de maio de 2017.

Seabra, T. (1999) *Educação nas famílias. Etnicidade e Classes Sociais*. Lisboa; IED.

Steyer, S. (2015). *As TIC na Educação Infantil: contribuições do Facebook para a aprendizagem e para a integração família e escola*. (Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho). Acedido em: <http://hdl.handle.net/1822/43038> a 20 de junho de 2017.

Sumida, T. (2010). *Relatório de estágio: Mestrado em Novas Medias e Práticas Web*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10362/5950> a 15 de junho de 2017.

Vicente A. (2010). *Conjugalidade e Parentalidade Estudo sobre a influência das preocupações parentais na satisfação conjugal em pais de crianças com 1 a 5 anos de idade em educação pré-escolar*. (Dissertação de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga). Acedido em: <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/216> a 20 de fevereiro de 2017.

Vicente, C. (2012). *Redes Sociais Online e Consumos Culturais: Facebook, um estudo de caso*. (Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa). Acedido em: <http://hdl.handle.net/10071/5158> a 30 de maio de 2017.

Unicef (1989) *A Convenção sobre os Direitos da Criança*. Acedido em: https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf a 17 de abril de 2017.

APÊNDICES

Apêndice 1: Questionário aos pais

Grupo criado no *facebook* destinado à sala dos 5 anos

Prezado(a) Sr. / Sra.

Está a terminar a minha investigação para realização do trabalho de Mestrado em Educação Pré-escolar, na Universidade do Algarve, sobre a relação Jardim de Infância – Família com recurso ao *facebook*, que vim a desenvolver na sala do(a) seu(ua) filho(a). Para saber a sua opinião e obter sugestões com vista a melhorar no futuro este tipo de estratégia, agradeço que respondesse a este breve questionário. Este questionário é anónimo pelo que não deve escrever o seu nome ou do(a) seu(ua) educando(a).

1. Em que condição responde a este questionário:

Pai Mãe Avó Avô

Outra: _____

2. Já conhecia a rede social "*Facebook*"?

Sim Não

3. Considera que o seu acesso é fácil?

Sim Não

4. Se respondeu “não” diga porquê:

5. Na sua opinião a criação no *facebook* do grupo “A sala dos 5 anos- Os Vivaços 2016-2017” permitiu-lhe acompanhar as atividades educativas realizadas durante a semana pelo(a) seu(ua) educando(a)?

Discordo totalmente
Discordo
Não concordo nem discordo
Concordo
Concordo totalmente

6. Se respondeu na pergunta anterior “discordo”, diga porquê.

7. A visualização da página do *facebook* era feita:

- Por curiosidade
- Porque queria acompanhar as atividades da sala
- Porque o(a) seu(ua) educando(a) manifestava vontade de lhe mostrar o que tinha feito
- Porque a educadora o solicitava

8. Quando é que visualizava a página:

Todos os dias Todas as semanas Apenas ao fim de semana

9. Quando visitava o grupo do *facebook* fazia-o na companhia do(a) seu(ua) educando(a):

Nunca Algumas vezes Sempre

10. Se respondeu na pergunta anterior “nunca”, diga porquê?

11. Na sua opinião o grupo de *facebook* da sala do Jardim de infância do(a) seu(ua) educando(a) contribuiu para o/a aproximar do jardim de infância:

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
-
- Concordo
-
- Concordo totalmente

12. Ficou satisfeito(a) com o conteúdo partilhado?

- Muito satisfeito
- Satisfeito
- Nem satisfeito nem insatisfeito
- Insatisfeito
- Muito insatisfeito

13. Em algum momento não concordou/não gostou do que foi compartilhado no grupo do *facebook*?

Sim Não

14. Se respondeu “sim” diga quando e porquê:

15. O que gostaria de ter visto na página?

16. Na sua opinião no próximo ano a página no *facebook* deve continuar a funcionar:

Discordo totalmente
Discordo
Não concordo nem discordo

Concordo

Concordo totalmente

Obrigada.

Apêndice 2: Questionário Educadora cooperante

1. Como avalia o recurso ao grupo no facebook como forma de promover a relação jardim de infância-família?
2. Quais as principais dificuldades existentes na utilização?
3. Quais as dificuldades sentidas na aplicação o ano passado? Realce os aspetos negativos e /ou aspetos positivos.
4. Quais são, a seu ver, possíveis sugestões de melhoria?
5. No futuro, pretende dar continuidade a esta prática?

Apêndice 3: Comunicado aos pais

Caros encarregados de educação,

Eu, Sandra Guerra, estagiária da Universidade do Algarve, estudante do Mestrado em Educação Pré-escolar, da Escola Superior de Educação e Comunicação, da Universidade do Algarve, estou a realizar o meu estágio na sala do seu/sua educando/a e pretendo desenvolver o meu trabalho sobre o tema da relação Família e Jardim de Infância.

A proposta de criação do grupo restrito no *facebook* decorre do reconhecimento da dificuldade dos encarregados de educação para se deslocarem ao jardim de infância e acompanharem as atividades educativas realizadas pelos seus educandos, por várias razões: horários de trabalho que não coincidem, horários prolongados, entre outros motivos.

Ressalvo que, e apesar do *facebook* ser de uso restrito (famílias, estagiária, educadora da sala e auxiliar da sala), os nomes e as caras das crianças serão ocultados garantindo o seu anonimato.

Mais informo que se tratando de uma atividade no âmbito do meu estágio, apresentarei um Relatório Final para conclusão do mestrado em Educação Pré-escolar, e que o trabalho será acompanhado pela orientadora da ESEC e pela educadora da sala.

Este trabalho só poderá realizar-se se tiver o seu consentimento, pelo que venho por este meio solicitar a sua autorização, pedindo-lhe que indique a sua posição:

Eu, encarregado de educação de

_____:

Concordo

Não Concordo

Atenciosamente,

Sandra Guerra

25/10/2016

Apêndice 4: Tabela 2: Frequência de participação (M/P) e total família.

Criança	Identificação (M/P)	Visualizações	Gostos	Comentários	Total (M/P)	Total família
Rute	M1	28	19	2	49	49
Rodrigo	M2	28	14	0	42	42
Margarida	M3	24	15	2	41	41
	P1	0	0	0	0	
Victor	M4	27	4	0	31	47
	P2	15	1	0	16	
Maria	M5	28	14	0	42	42
Carolina	M6	29	0	0	29	29
Beatriz	M7	2	0	0	2	2
Duarte	M8	29	8	1	38	50
	P3	12	0	0	12	
Diogo	M9	12	2	0	14	14
Soraia	M10	6	15	0	21	30
	P4	9	0	0	9	
Mia	M11	23	3	1	27	60
	P5	25	8	0	33	
Daniela	M12	24	0	0	24	24
Milene	M13	28	11	2	41	41
Paula	M14	29	17	9	55	79
	P6	20	4	0	24	
Valter	M15	27	19	2	48	48
	P7	0	0	0	0	
Cláudia	M16	29	25	0	54	54
Luís	M17	1	0	0	1	1

